

1975a

SOLETRE MOBRAL E LEIA BRASIL

Cinco anos de luta
pela alfabetização

Antônia *Roberto*

APRESENTAÇÃO

O MOBRAL, ao longo dos anos de sua atuação, demonstrou o sucesso de seu projeto fundamental: a alfabetização de adultos.

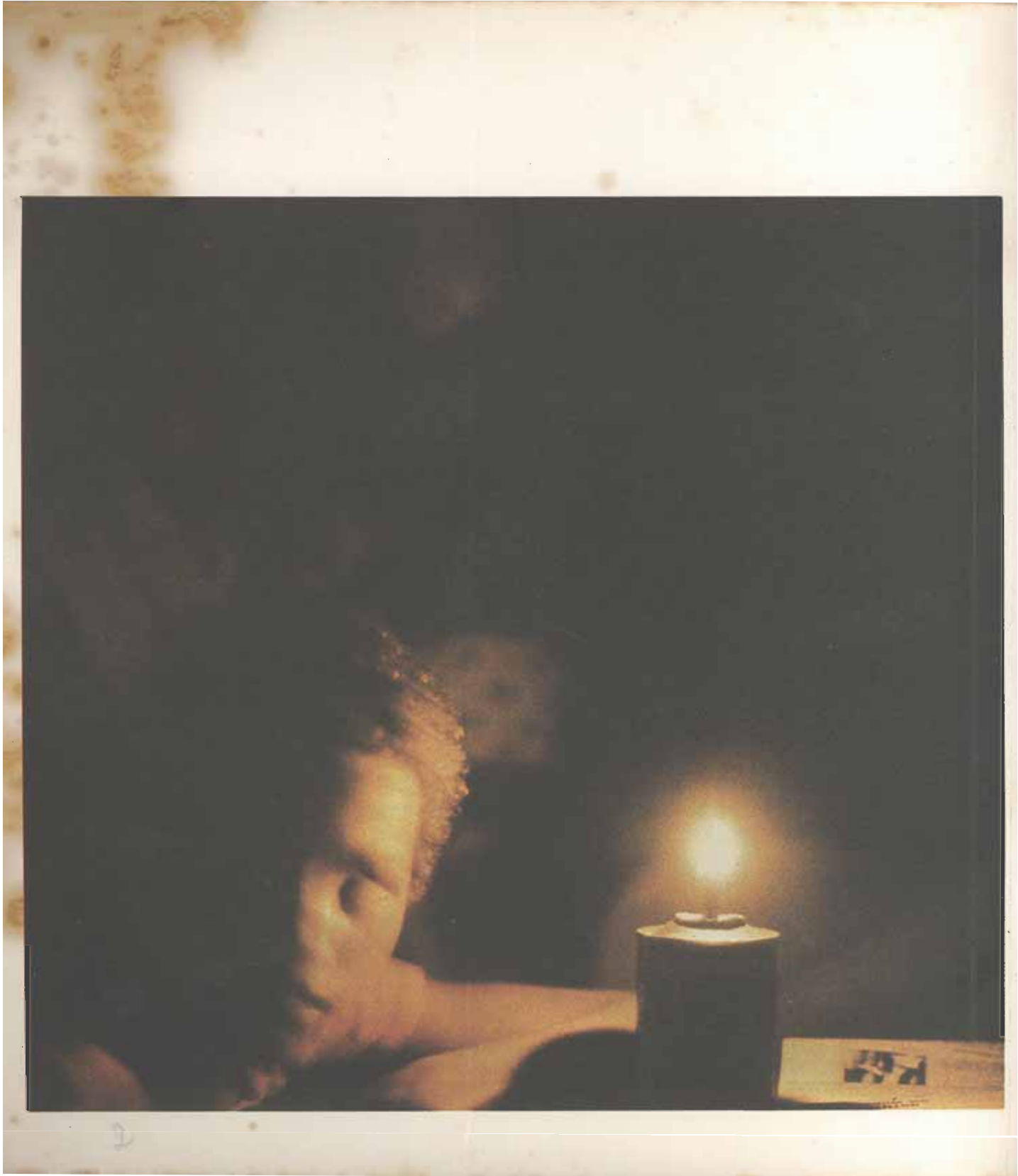
A constatação desse fator é dever de Justiça e reconhecimento. Graças à sua atividade, reduziu-se o índice de analfabetismo, de 34% em 1970, para 19% atualmente.

E, o presente ritmo de trabalho do MOBRAL, intensificando medidas que visam ao maior controle dos programas desenvolvidos e à revitalização sempre crescente das atividades de recrutamento e mobilização do analfabeto, através das comissões municipais — células básicas de seu desempenho — permite-nos prever, para 1980, um percentual de analfabetos em torno de 10%.

O MOBRAL não só atingiu seu objetivo prioritário, como gerou projetos paralelos de grande significação na luta pela melhor capacitação do homem brasileiro.

Por esse motivo o trabalho do MOBRAL tem o pleno reconhecimento do nosso povo e alcança o respeito das nações irmãs.

NEY BRAGA
Ministro da Educação
e Cultura



O analfabetismo era um mal tido como crônico no Brasil. Mas, no dizer do admirável historiador Arnold Toynbee, os grandes desafios geram grandes respostas.

Como atual Presidente do MOBRAL e seu Ex-Secretário Executivo, de 1972 a 1974, não me restam dúvidas quanto ao sucesso e à adequação de todos os programas do MOBRAL. Seu ritmo, seu ímpeto e sua força inovadora, em nenhum momento desmentiram que esta solução era a resposta acertada para a erradicação do analfabetismo no Brasil.

A qualidade dos programas é permanentemente avaliada por nós mesmos e por terceiros, em termos nacionais e internacionais. E todas as avaliações realizadas jogam por terra as críticas dos que não podem conceber um programa em larga escala, compatível com níveis claros e insofismáveis de qualidade pedagógica.

Se muito fizemos e mais faremos até o final da década, muito se deve ao apoio das autoridades, principalmente do Ministro Ney Braga. Mas, fundamentalmente, o sucesso do MOBRAL é o sucesso do povo brasileiro em resolver, ele mesmo, os seus problemas, apenas apoiado e orientado em algumas ações pela cúpula do MOBRAL.

Vivemos do engajamento de todos. Por isso mesmo, um amplo esforço de divulgação do fenômeno de alfabetização e da ação do MOBRAL é indispensável.

O entusiasmo da **Guavira Editores** e dos empresários que com ela colaboram para a edição deste documento, que satisfaz os anseios e dúvidas do grande público, merece do MOBRAL, e de seu Presidente, os mais calorosos agradecimentos.

Arlindo Lopes Corrêa

Presidente do MOBRAL



Ao lançar agora este SOLETRE MOBREAL E LEIA BRASIL, **Guavira Editores** oferece ao público brasileiro um documento essencial. De todos os programas executados no Brasil durante a última década, o MOBREAL é certamente aquele que passará para a história como o de maior impacto revolucionário. Só com o tempo poderemos apreciar o valor de contribuição do MOBREAL para a aceleração do desenvolvimento integrado de uma nação afluente de peso do Brasil. Entre os medidores convencionais do progresso, os índices do saber são os que mais dificilmente se deixam quantificar.

Recentemente, John Cairns — considerado pelos especialistas da UNESCO como uma das maiores autoridades mundiais em programas de educação e base —, após um estágio no Brasil, fez a seguinte observação:

“— O MOBREAL é, sem nenhuma dúvida, o mais notável de todos os programas de larga escala atualmente em execução no Terceiro Mundo.”

O livro que agora publicamos oferece ao leitor uma imagem global do Movimento. Pela primeira vez foi possível reunir os dados essenciais que permitem compreender a filosofia e a metodologia do MOBREAL, os custos das operações e os primeiros grandes resultados. Mas a conquista fundamental do MOBREAL continua sendo esta: o povo brasileiro tomou consciência, através desse Movimento, de que a erradicação do analfabetismo é da responsabilidade desse próprio povo, como um todo. Sem esta conscientização, o esforço governamental seria forçosamente artificial.

Mas, como tudo o que é humano é forçosamente imperfeito, o MOBREAL está sujeito a um processo de revisão permanente. Esta revisão também é tarefa de todo o povo brasileiro. A proposta do livro é simples: oferecer o MOBREAL ao debate comunitário, recolher a contribuição do povo e aprimorar ainda mais o sistema.

Gustavo de Faria
EDITOR

MOBRAL

1 ANALEFABETISMO: QUE É

2 HISTÓRIA DO
ANALEFABETISMO NO BRASIL

3 O PORQUÊ DO MOBREAL

4 INÍCIO DO MOBREAL

5 CINCO ANOS DE MOBREAL

6 MOBREAL ATÉ 1980



1

ANALFABETISMO: QUE É



O MOBRAF, em cinco anos de ação continuada, distribuiu 136 milhões de livros e 215 de jornais educativos. Esse material inundou as escolas urbanas e rurais em todos os municípios brasileiros.

É uma noção mais do que clara que a presença do analfabetismo significa um dos indícios mais evidentes do grau de subdesenvolvimento de um País. Como se diz modernamente, a taxa de analfabetismo — percentagem de analfabetos na população — é um dos mais desfavoráveis “indicadores sociais” de uma comunidade. Se esse percentual for consideravelmente alto, teremos um verdadeiro “indicador de mal-estar social”. São de tal ordem os malefícios provocados pelo analfabetismo, que ele é visto como uma praga, merecendo, habitualmente, a utilização do verbo *erradicar*: arrancar pelas raízes. Para que não venha, mais tarde, a prejudicar a vida das populações que dele conseguiram se livrar, mas sobre as quais ainda permanece alguma ameaça, seja por essas populações ou seus descendentes.

Ainda que todos saibam o que significa o caso de uma pessoa analfabeta, poucos conhecem, verdadeiramente, qual a conceituação precisa, utilizada pelos órgãos que fazem a sua pesquisa, e sobre que parte da população se faz a contagem dos analfabetos.

Em termos nacionais, a contagem dos analfabetos é realizada pelos Censos que, de 1872 a 1970, têm processado essa apuração.

O conceito utilizado pelos Censos no Brasil, a cargo do I.B.G.E. — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — é o mesmo que é reconhecido pela entidade internacional — a ONU —, que publica os índices de analfabetismo para todo o mundo em seu “Demographic Yearbook”.

CONCEITO INTERNACIONAL

Segundo a UNESCO (órgão oficial da ONU para Educação e Cultura), analfabeto é a pessoa de 15 anos ou mais que não saiba ler ou escrever um pequeno texto em algum idioma. A UNESCO adota o termo semi-analfabeto para aquele que saiba ler e não saiba escrever ou saiba escrever e não saiba ler um pequeno texto. Em suas tabulações oficiais, entretanto, considera o semi-analfabeto, nos cálculos dos índices de analfabetismo. Pelo fato de alguns países adotarem seus próprios conceitos de “alfabetizado”, como, por exemplo, o que considera como tal a pessoa que saiba ler e escrever um pequeno texto *na língua nacional*, não aparecem em suas tabulações. Importante, ainda, lembrar que nem sempre nos recenseamentos realizados, por diversos países, o analfabeto é identificado pelos critérios determinados pela UNESCO.

CONCEITO NACIONAL

No Brasil são consideradas alfabetizadas as pessoas capazes de ler e escrever um bilhete simples em qualquer idioma; as pessoas que apenas assinam o próprio nome são consideradas analfabetas.

Como em qualquer parte do mundo, os recenseamentos são feitos através de questionários — isto é, pergunta direta ao recenseado — não se exigindo, no caso de alfabetização, qualquer prova de sua habilidade e, dependendo da estrutura sócio-econômica em que esse se encontra, a sua resposta será positiva ou negativa. Provavelmente, os erros cometidos nesse tipo de inquérito, algebricamente, se anulam.

Como se vê, os conceitos utilizados, nacional e internacionalmente, pelo Brasil e pela ONU, são exatamente os mesmos.

Nada impede, porém, que eles venham a ser revistos, já que abordam conceitos estritamente convencionais. Na verdade, bem antes dos 15 anos, uma criança analfabeta é, objetivamente, um analfabeto, que o sistema regular tende a rejeitar por se apresentar descompassado em relação às demais crianças da primeira série do ensino fundamental.



Os professores engajados no movimento de alfabetização usam todos os tipos de transporte. O Brasil é ocupado, pelas equipes, palmo a palmo. Por isso, o MOBRAF é excepcional instrumento de pesquisa geral, porque penetra nos lugares mais remotos, em missão apostólica. Milhares de professores e de escolas formam a máquina de alfabetização — exemplo para o mundo.



*Qualquer espaço serve para instalar
escolas — casebres e salas modernas.
Importante, mesmo, é alfabetizar. O
MOBRAL baixou a taxa de
analfabetismo para menos de 20%.
Eis a verdade dos números.*



HISTÓRIA DO ANALFABETISMO NO BRASIL

O analfabetismo no Brasil, como já vimos, foi medido pelos Censos desde 1872 até 1970. Atualmente, o I.B.G.E. realiza, também, aferições anuais, utilizando a técnica de amostragem através da P.N.A.D. (Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares), que permite se visualize, nos anos intermediários aos Censos, uma avaliação de alguns dos principais elementos do comportamento da população brasileira.

O analfabetismo no Brasil evoluiu, no período de 1872/1970, da maneira demonstrada no quadro 1.

Como está claro neste quadro, o número absoluto de analfabetos — total de analfabetos — cresceu, de Censo para Censo, nos últimos 50 anos, mas o número relativo — o percentual de analfabetos — vinha crescendo, sistematicamente, desde 1872, apesar do aumento substancial da população, ainda que esta queda se efetuasse em um ritmo muito lento.

O último Censo disponível quando da criação do MOBREAL em 1967 — o Censo de 1960 — apresenta o Brasil com quase 40% de analfabetos, o que demonstrava uma situação incompatível com uma sociedade empenhada em desenvolver-se rapidamente, e que não poderia, portanto, conviver com índices como estes, se se propusesse, de fato, a uma verdadeira arrancada no seu desenvolvimento sócio-político-econômico.

Por volta de 1970, a situação do Brasil, face ao resto do mundo, fica demonstrada pelos números do quadro 2.

Em relação, especificamente, ao ano de 1970, data do último Censo realizado, é interessante destacar algumas características básicas do analfabetismo no Brasil. Observa-se que ele atinge, com maior ou menor incidência, as mulheres e os homens, as diversas regiões do País, as zonas rurais e urbanas e a força de trabalho.

É evidente que, em um trabalho de maior profundidade, pode-se estabelecer diversos "cruzamentos". Isto é, além de se analisar o analfabetismo dentro de uma determinada região, por sexo, pela característica rural ou urbana, pode-se buscar outras informações capazes de esclarecer mais alguns aspectos do fenômeno.

Esses detalhes, no entanto, interessam a documentos mais técnicos e, no caso, basta mostrar aqueles itens que nos pareçam mais significativos da situação geral do analfabetismo no Brasil.

No quadro 3, podemos verificar que a Região Nordeste, embora não seja a que tem a maior população total, é a que apresenta o maior índice de analfabetismo, tanto do sexo feminino como do masculino. Nela se encontra quase a metade das mulheres analfabetas e cerca de 45% dos homens analfabetos. Outro aspecto interessante refere-se às diferenças entre os índices de analfabetismo da população masculina e feminina. Se olharmos o Brasil como um todo, verificaremos que o índice de analfabetismo da população feminina é cerca de 2% maior que o da população masculina. No entanto, quando descemos a uma análise regional, vemos que essa superioridade não permanece constante. Ela oscila desde 3% na Região Nordeste, até 40% na Região Sudeste.

Esse pequeno diferencial de 3% do analfabetismo feminino sobre o masculino na Região Nordeste levamos a constatar que a pobreza é, infelizmente, o maior nivelador dos seres humanos. Homens e mulheres, quando afogados em situação de extrema penúria, se encontram na mais injusta e indesejável das igualdades. Essa igualdade é mais perniciosa que todas as outras surgidas nas regiões mais desenvolvidas e que, atualmente, são combatidas com a maior energia.

Embora a maior parte da população brasileira seja urbana, na zona rural encontram-se quase dois terços dos analfabetos do Brasil. Levando-se em conta as concentrações de analfabetos, veremos que a Região Sudeste é responsável por quase a metade da população *urbana* analfabeta e, na Região Nordeste, por mais da metade da população *rural* analfabeta.

Comparando-se os índices de analfabetismo das zonas urbana e rural, constatamos que a Região

Analfabetismo no Brasil

QUADRO 1

ANOS	(A) POPULAÇÃO TOTAL	(B) POPULAÇÃO DE 15 ANOS e +	(C) ANALFABETOS DE 15 ANOS e +	(D) ÍNDICE DE (2) ANALFAB. (C/B)
1872 (1)	9.930.478	8.854.794	7.290.313	82,3%
1890 (1)	14.333.915	12.212.125	10.091.556	82,6%
1900	17.438.434	9.752.111	6.371.660	65,3%
1920	30.635.605	17.557.282	11.401.715	64,9%
1940	41.326.315	23.709.769	13.269.381	56,0%
1950	51.944.397	30.249.423	15.272.632	50,5%
1960	70.119.071	40.187.590	15.865.792	39,4%
1970	93.139.037	54.008.604	18.146.977	33,6%

(1) Para os anos de 1872 e 1890, os dados das colunas (B), (C), e (D) referem-se à População de 5 anos e mais, que, embora não seja a faixa da população mais correta, é a única disponível. Observando-se os índices de analfabetismos, do período de 1900 a 1970 e os percentuais de analfabetos de 5 anos e mais de 1872 a 1890, podemos estimar que os índices de analfabetismo (para 15 anos e mais) dos anos de 1872 a 1890 são superiores a 70%.

(2) Ressalte-se mais uma vez: índice de analfabetismo é — SEMPRE — CALCULADO EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO DE 15 ANOS E MAIS.

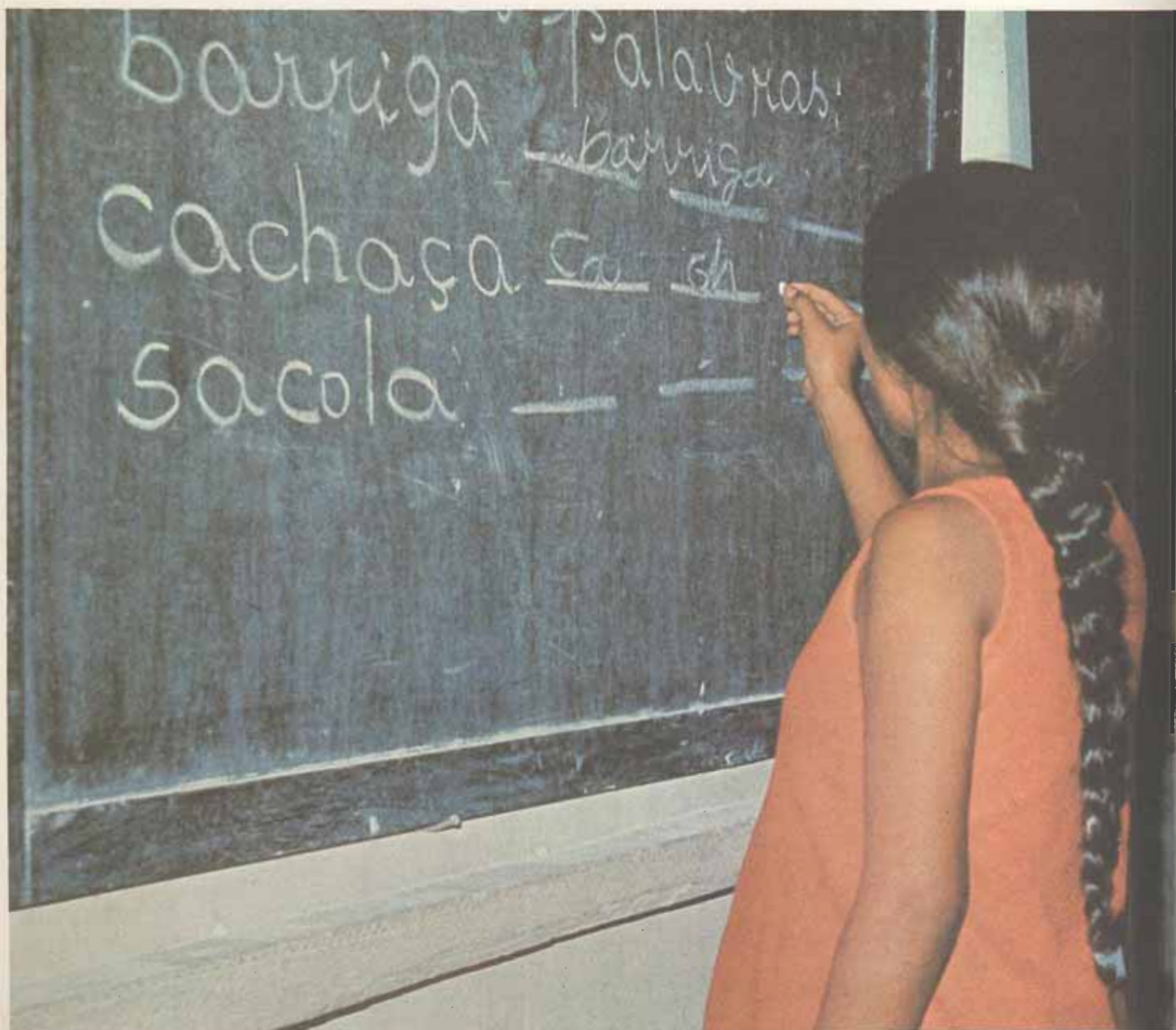
Analfabetismo no Brasil e no Mundo

QUADRO 2

PAÍSES	ÍNDICES DE ANALFABETISMO	PAÍSES	ÍNDICES DE ANALFABETISMO
Bolívia	60%	Argentina	9%
Peru	39%	USA	2%
Brasil	34%	Japão	2%
Equador	33%	Itália	2%
Colômbia	27%	França	2%
Paraguai	26%	Suça	2%
Chile	13%	Dinamarca	1%
Uruguai	10%	Suécia	1%

Analfabetismo por região zona e sexo

Quadro 3	Censo 1970	ZONA E SEXO	POPULAÇÃO 15 ANOS ou +	ANALFABETOS 15 ANOS ou +	ÍNDICES DE ANALFABETISMO (%)	POPULAÇÃO TOTAL
Norte		Urbana	890.128	147.814	16,6	1.626.600
		Rural	1.025.566	542.638	52,9	1.977.260
		Masculino	967.796	329.990	34,1	1.819.228
		Feminino	947.898	360.462	38,0	1.784.632
		Total	1.915.694	690.452	36,0	3.603.860
Nordeste		Urbana	6.705.382	2.288.132	34,1	11.752.977
		Rural	8.707.809	6.079.841	69,8	16.358.950
		Masculino	7.363.500	3.932.528	53,4	13.719.134
		Feminino	8.049.691	4.435.445	55,1	14.392.793
		Total	15.413.191	8.367.973	54,3	28.111.927
Sudeste		Urbana	18.461.606	2.996.123	16,2	28.964.601
		Rural	5.990.986	2.773.575	46,3	10.888.897
		Masculino	12.081.401	2.355.907	19,5	19.854.063
		Feminino	12.371.191	3.413.791	27,6	19.999.435
		Total	24.452.592	5.769.698	23,6	39.853.498
Sul		Urbana	4.490.751	652.692	14,5	7.303.427
		Rural	4.950.192	1.676.183	33,9	9.193.066
		Masculino	4.761.628	1.020.650	21,4	8.331.430
		Feminino	4.679.315	1.308.225	28,0	8.165.063
		Total	9.440.943	2.328.875	24,7	16.496.493
Centro-Oeste		Urbana	1.388.707	296.492	21,4	2.437.379
		Rural	1.397.477	693.487	49,6	2.635.880
		Masculino	1.452.912	470.216	32,4	2.607.488
		Feminino	1.333.272	519.763	39,0	2.465.771
		Total	2.786.184	989.979	35,5	5.073.259
Brasil		Urbana	31.936.574	6.381.253	19,9	52.084.984
		Rural	22.072.030	11.765.724	53,3	41.054.053
		Masculino	26.627.237	8.109.291	30,5	46.331.343
		Feminino	27.381.367	10.037.686	36,7	46.807.694
		Total	54.008.604	18.146.977	33,6	93.139.037



16
*Cinco Anos. O bastante para o MOBRAL
alfabetizar 8.657.054 brasileiros, que
viviam dentro da escuridão social.*

Norte apresenta a maior distorção — o índice de analfabetismo da zona rural é três vezes maior que o da zona urbana. Na Região Nordeste incide menor distorção — o índice da zona rural é o dobro do índice da zona urbana.

Em termos de Brasil, essa diferença do índice de analfabetismo da população rural é de pouco mais de duas vezes e meia em relação ao índice de analfabetismo da zona urbana.

Mais adiante, veremos como esses índices de analfabetismo, sempre bem maiores na área rural, refletem-se, negativamente, no desempenho da Economia.

A força de trabalho (população econômica ativa) do Brasil, correspondente a 29,5 milhões de pessoas do setor primário (agricultura e pecuária), era de 13,5 milhões de pessoas, em 1970. Desses 29,5 milhões, 10,6 milhões eram analfabetos, e 7,7

milhões estavam trabalhando no setor rural da economia brasileira.

Somente essa situação já justifica, sobejamente, a arrancada contra o analfabetismo. Aliás, uma idéia sempre presente na vida nacional.

Ao longo de toda a República, brotaram inúmeros movimentos na tentativa de difundir o ensino elementar como instrumento de combate ao analfabetismo, já que a Lei Saraiva de 1882 somente permitia o alistamento eleitoral a quem dominasse a leitura e a escrita. O advento da República colocou em foco o problema da democracia liberal por meio do voto, mas o fato é que a Constituição de 1891 incorporou a Lei de 1882, alijando o analfabeto da representação política.

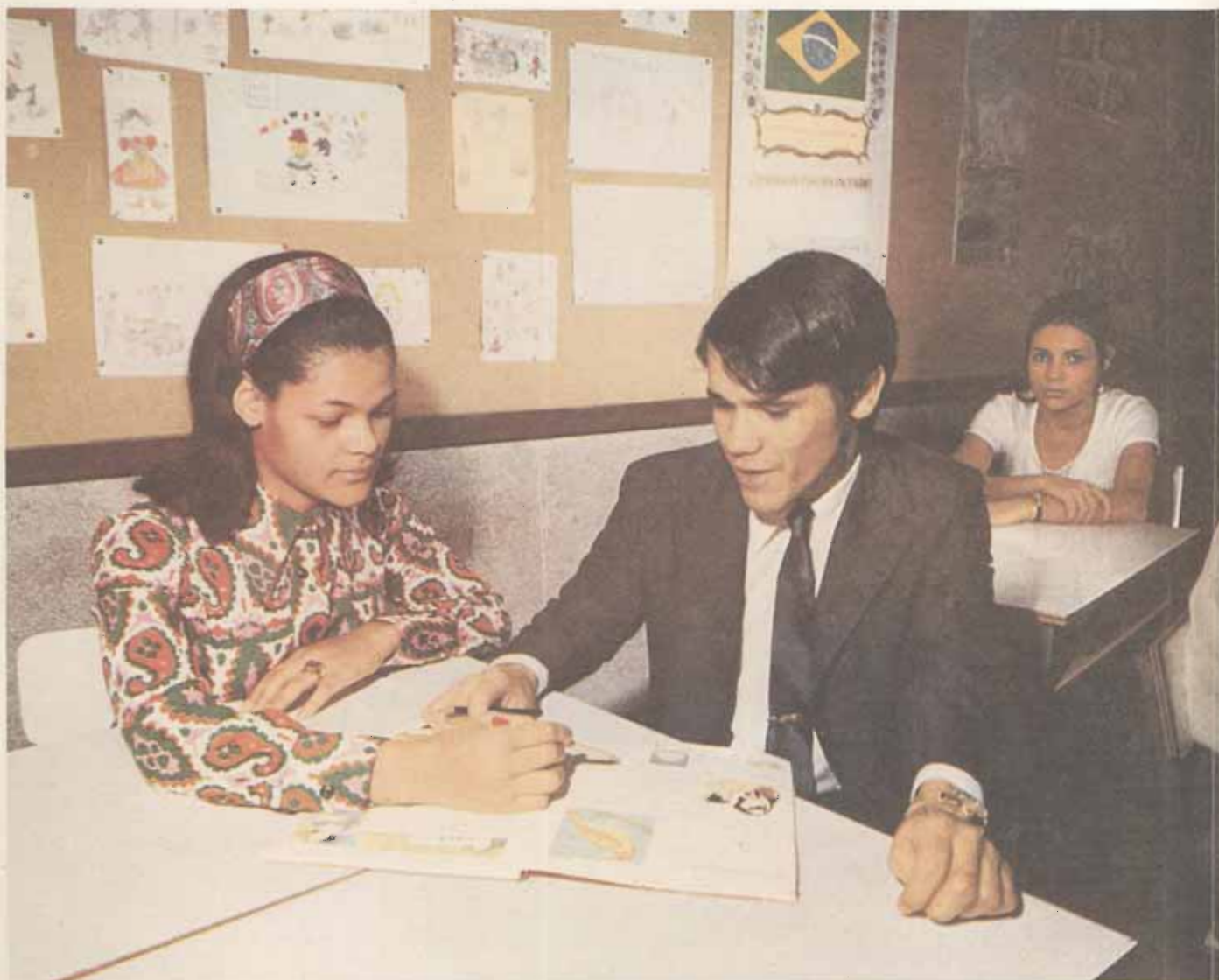
Em 1915, surge a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, nascida no Clube Militar do Rio de Janeiro, e desenvolveu-se um verdadeiro "entusiasmo pela educação", que, manifestado em favor da difusão do ensino elementar atuou, fundamentalmente, no quadro político.

Miguel Couto, sobrepondo-se à luta pelo poder através do voto, pronuncia-se em dimensão humanitária a favor da alfabetização, em 1920, e vê a educação como principal problema nacional.

Seguem-se inúmeras manifestações de brasileiros ilustres na luta pela educação — principalmente pela educação elementar — até que, em 1930, marca-se o evento de cria-

ção do Ministério da Educação e Saúde Pública. Com a Revolução de 30 aparecem, em 1932, a Cruzada Nacional de Educação e, em 1933, a Bandeira Paulista de Alfabetização. No entanto, somente no final dos anos 40, início dos anos 50, o tema da educação de adultos é redescoberto, com o MEC solicitando aos Estados a simplificação do ensino supletivo.

Durante os anos 50 foi bastante acentuada a controvérsia do voto do analfabeto e também lançadas algumas experiências de alfabetização de adultos em massa, como o Plano Nacional de Alfabetização, o Movimento de Educação de Base (MEB), que permanece atuante até hoje, e a Cruzada ABC, que sobreviveu até 1970, quando o MOBREAL passou a atuar, efetivamente, no combate ao analfabetismo.



18

O MOBRAF matriculou 21.334.141
analfabetos, correspondentes à população
da Argentina e ao dobro da população
da Austrália. Matriculou mais que as
populações somadas do Chile, Bolívia,
Equador e Paraguai.

governo, 10 de dezembro de 1974

Efetue:

$\begin{array}{r} 428 \\ + 523 \\ \hline 951 \end{array}$	$\begin{array}{r} 177 \\ + 572 \\ \hline 749 \end{array}$	$\begin{array}{r} 508 \\ + 641 \\ \hline 1149 \end{array}$	$\begin{array}{r} 428 \\ - 315 \\ \hline 113 \end{array}$	$\begin{array}{r} 884 \\ - 234 \\ \hline 30 \end{array}$	$\begin{array}{r} 597 \\ - 405 \\ \hline 192 \end{array}$	$\begin{array}{r} 57 \\ - 7 \\ \hline 50 \end{array}$
---	---	--	---	--	---	---





3

O PORQUÊ DO MOBRAL



*Somos, agora, 107 milhões de brasileiros,
com força de trabalho de 34 milhões. O
MOBRAL aumenta a população ativa e
mercado interno.*

90

A idéia da difusão da educação elementar, como instrumento de combate ao analfabetismo, foi intensamente debatida durante toda a República — pelos aspectos políticos que encerrava — e, também, pela idéia de que se tratava de uma verdadeira Cruzada Cívica, uma Bandeira, um Movimento Nacional. Em todas as colocações, a tônica era a de que um problema dessa magnitude só seria resolvido se empolgasse todo o País, com a adesão plena de todos os brasileiros.

A partir de 1964, o antigo "entusiasmo pela educação" passa a ser considerado o ponto fundamental do processo de desenvolvimento brasileiro. Todos os Planos realizados depois de 1964 consagram a Educação como setor prioritário da vida nacional.

O Ministério do Planejamento, de grande destaque na Administração Pública, realiza o primeiro "Diagnóstico da Educação Brasileira", base do Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social, a vigorar no período de 1967 a 1976. Tratava-se do primeiro esforço sistemático de planejamento e renovação da administração da Educação no Brasil

e foi, progressivamente, sendo absorvido pelo MEC que, nesses últimos 10 anos, realizou consideráveis progressos na formulação dos seus projetos em todos os níveis de ensino.

O MOBREAL não surgiu, portanto, como mais uma tentativa isolada de, em verdadeira cruzada, derrotar o analfabetismo. Surgiu dentro de um acentuado espírito reformista que atuava — e atua —, fundamentalmente, na expansão e apoio ao ensino regular. Tanto isso é verdade, que a primeira grande medida inovadora depois de 1964 foi a Lei do Salário-Educação, instituindo uma Previdência Social. Representado pela importância correspondente ao custo do ensino primário dos filhos dos seus empregados em idade de escolarização obrigatória, o salário-educação é destinado a suplementar as despesas públicas com a educação elementar (Artigo 1.º da Lei).

Em suma, começava-se a implantação de uma fase de grandes reformas e de expansão dos sistemas educacionais, criando-se uma nova fonte de recursos para o antigo ensino primário.

Essas reformas tiveram continuidade com a implantação pioneira dos "Ginásios Polivalentes", 400 unidades construídas em alguns Estados brasileiros, com uma nova mentalidade, onde predomina a busca de soluções inovadoras para o antigo ginásio. Estava lançado o PREMEM — Programa de Expansão de Melhoria do Ensino Médio —

que, de certa forma, em muito contribuiu para que se tentasse uma nova e ampla lei de reforma do Ensino Fundamental, o que veio a se concretizar com a Lei 5.692, de 11.08.71. Essa Lei, promulgada em pleno esforço de operação do MOBREAL teve, entre seus méritos, o de demonstrar que o sistema regular — 1.º e 2.º graus — e o sistema supletivo — onde a alfabetização do MOBREAL é o primeiro passo — constituem, na verdade, partes que se somam e se integram, jamais concorrendo entre si.

Extremamente relevante é o fato de que a expansão do ensino ginasial e científico/clássico — o antigo ensino secundário — democratizou-se, excepcionalmente, depois de 1964.

Em 1960, 65% das matrículas do ensino secundário eram referentes ao ensino privado, enquanto, pelas últimas estatísticas disponíveis, referentes a 1972, a situação se inverteu totalmente, passando a haver uma predominância maciça do ensino público: 67% das matrículas pertencem ao ensino público, ficando apenas 23% com o ensino particular.



A alfabetização é funcional, porque ampara e estimula o homem na sua função de trabalho. O treinamento profissional também consta de suas metas. Opera com modelo próprio para atender à escala da força de trabalho.

O ensino superior foi motivo de um grande programa de expansão quantitativa, pois as matrículas tiveram um crescimento explosivo, saindo de 142 mil alunos, em 1964, para 937.593, em 1974, o que representa um crescimento de 660%.

Este considerável aumento de oportunidades foi realizado durante uma reforma em profundidade, em que diversos grupos de trabalho, reunindo técnicos de vários Ministérios, estabeleceram as bases para o novo sistema universitário brasileiro. Esses trabalhos foram apresentados ao longo do ano de 1968, e deram origem a novas estruturas do ensino superior brasileiro.

Outras medidas de grande relevo, tomadas em relação ao setor educacional, foram a utilização dos recursos do Governo Federal enviados aos Estados e Municípios, que passaram a se destinar, obrigatoriamente, ao ensino regular (20% do Fundo de Participação dos Estados e Municípios); a determinação de conclusão da cidade universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, obra iniciada há cerca de 30 anos (Ilha do Fundão); a implantação da pós-graduação do ensino superior; o salário-mínimo dos professores do 1.º e 2.º graus; a implantação do salário dos professores universitários em regime de tempo integral e dedicação exclusiva; e a obrigatoriedade dos planos estaduais de educação. Como fica claro, o espírito de expansão e reforma envolveu todos os ramos do ensino no Brasil, sempre no

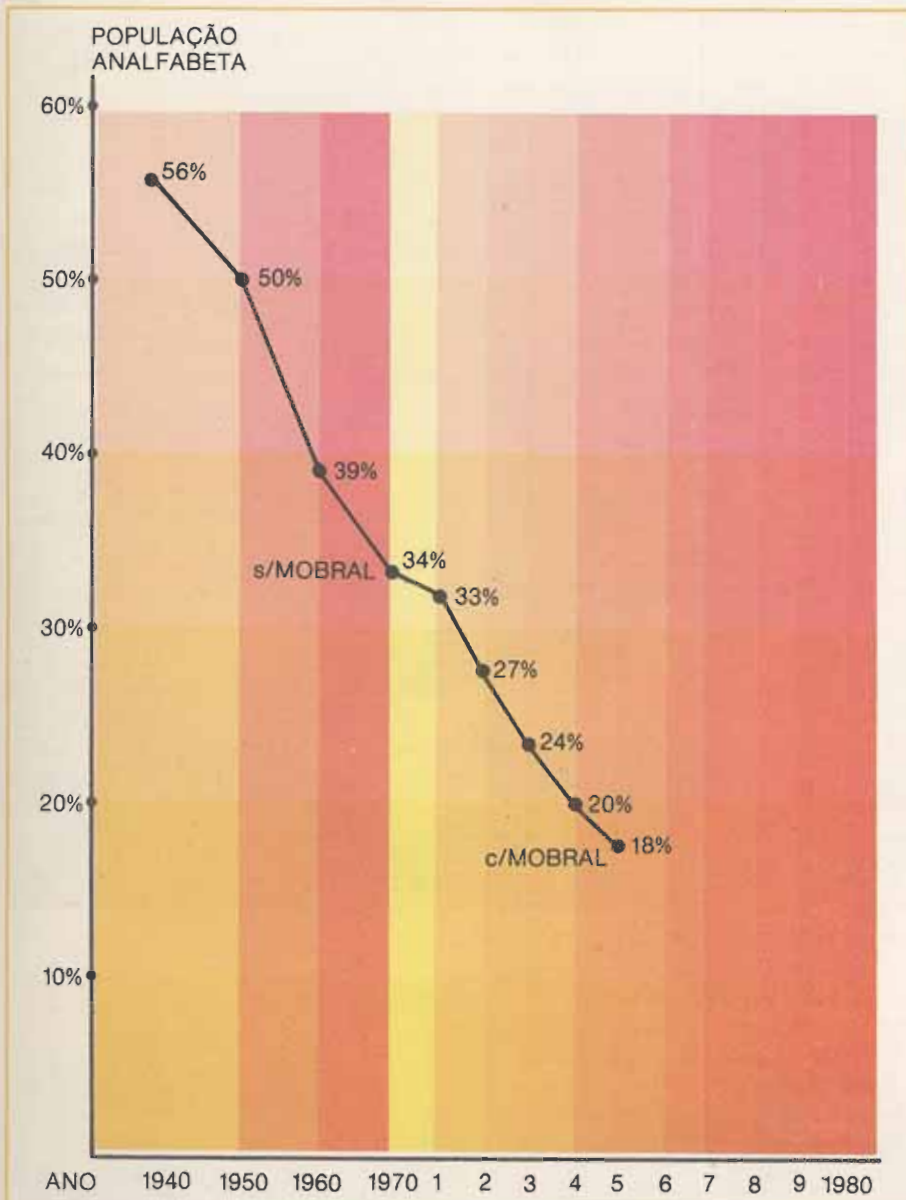
desejo de fortalecimento dos sistemas regulares de ensino.

Todas essas medidas põem em relevo a criação do MOBREAL pela Lei 5.379 do Congresso Nacional, em 15.12.67. Essa Lei não foi produto, apenas, dos estudos e prioridades definidas pelos gabinetes técnicos do Governo Federal, mas contou, também, com a colaboração dos congressistas brasileiros, em uma época em que o Congresso estava participando, intensamente, do processo revolucionário e refletia, também, as aspirações e a visão de inúmeros segmentos da opinião pública. Surge, portanto, com a ampla colaboração de inúmeros setores da vida brasileira, e sua elaboração se deu em pleno apogeu da montagem da mística da educação no Brasil. Essa mística, da qual o MOBREAL é o símbolo mais legítimo, e, também, beneficiário, faz parte da visão que os brasileiros, em sua totalidade, passaram a ter da Educação, como infraestrutura prioritária do desenvolvimento nacional.

O povo brasileiro incorporou às suas aspirações de ascensão social uma verdadeira escalada educacional, em que o MOBREAL atua duplamente. Primeiro, porque aciona o esforço de todos para que seja definitivamente erradicado o analfabetismo. Depois, porque demonstra que, a qualquer tempo, os sistemas educacionais estão abertos e desejo-

BRASIL

PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO ANALFABETA X ANO



so de que todos os brasileiros desenvolvam as suas aptidões. O MOBIL é, na verdade, o resgate de uma dívida que as atuais gerações têm com as gerações passadas, que não dispuseram dos benefícios de um sistema educacional regular, que hoje se quer proporcionar a todas as crianças.

Até mesmo a controversa presença de crianças, nas salas do MOBIL, concorreu para aceleração de providências e aumento dos recursos para o ensino fundamental. Esses recursos são provenientes de maior percentual para o salário-educação e Fundo de Participação dos Estados e Municípios, sendo parte substancial obrigatoriamente destinada ao setor educacional.

Não há dúvida de que existe, hoje, um "sonho brasileiro", que cada um de nós acalenta para si mesmo e para seus descendentes, qual seja o de participar, mais intensamente, do desenvolvimento nacional, e com posições de maior realce na sociedade, na medida em que maior for o nível de ensino que cada um conseguir alcançar.

Observe-se que os analfabetos, já recuperados, passam a ter um compromisso de aperfeiçoamento e fortalecimento das bases dos sistemas regulares de ensino.



Quando o MOBREAL começou (1970), o Brasil era esmagado por 40% de analfabetos. Mais da metade das mulheres, no Nordeste, eram analfabetas, e 45% dos homens. Na Grande Região Norte (mais da metade do Brasil) o índice de analfabetismo era três vezes maior na área rural que na urbana.



O MOBRAL penetrou nos 3.953 municípios brasileiros. E alfabetizou volume de pessoas equivalente à população da Suécia, Áustria e Portugal. De cada grupo de 100 conveniados (isto é, matriculados), 80 chegaram ao final do curso e 40 foram alfabetizados. Cada pessoa arrancada do analfabetismo custou 110 cruzeiros. Foi assim que o Governo pode suportar o custeio dessa cruzada cívica.



4 INÍCIO DO MOBRAL

O MOBRAL, criado por Lei em 1967, só iniciou realmente suas operações em 08.09.70, dia consagrado, internacionalmente, à Alfabetização. Era fundamental, para o pleno sucesso do empreendimento, que existissem recursos suficientes para a montagem de um esquema que se soubesse, desde o início, capaz de atender aos quase 20 milhões de analfabetos de mais de 15 anos, apontados pelas pesquisas do I.B.G.E.

Os recursos viriam, fundamentalmente, de uma parcela da Loteria Esportiva Federal, que também, naquele ano, iniciava os seus primeiros testes. Esses recursos, inicialmente, eram de difícil previsão e, para garantia de um suprimento regular de dinheiro, criou-se, através do Decreto-Lei 1.124, de 1970, a possibilidade de deduções no Imposto de Renda, para os empresários que pretendessem colaborar com o MOBRAL.

Mais do que recursos, essas deduções permitiram o engajamento de um setor de grande dinamismo e responsabilidade na vida nacional que, ao valorizar o MOBRAL, gerava a adesão de inúmeras outras parcelas da população.

O MOBRAL — é bom que se frise — recebeu, apenas no seu primeiro ano, uma quantia igual a 6,75% do faturamento da Loteria Esportiva Federal.

Em virtude do grande impacto da Loteria Esportiva Federal, o MOBRAL teve a sua parcela imediatamente reduzida para 5,4% do faturamento da LEF, em proveito de outros programas do Ministério da Educação, passando a ser o *menor dos beneficiários da Loteria*. A imagem distorcida de que o MOBRAL é o maior dos beneficiários da Loteria predomina, infelizmente, até hoje — talvez pelo fato de o MOBRAL estar sempre presente no noticiário, e envolver milhões de pessoas — mesmo quando esses recursos, em 1976, representavam apenas 4,3% do faturamento da Loteria. Essa redução foi realizada em proveito de um Fundo, administrado pela Caixa Econômica Federal, destinado a socorrer outros projetos na Área Social. Não há dúvida, portanto, de que o MOBRAL se ressentia de falta de recursos, principalmente quando se torna cada vez mais difícil atingir os que, por inúmeras razões, ainda permanecem analfabetos. Razões, às vezes, de natureza orgânica, já que essas pessoas apresentam dificuldades na aprendizagem da alfabetização, por serem portadoras de deficiências visuais, auditivas, cerebrais, etc.

Voltemos ao início do MOBRAL. Onde está o segredo do seu sucesso? Um sucesso tão rápido e tão mar-

CLASSE DE POPULAÇÃO TOTAL DE MUNICÍPIO (1.000 HAB.)	MUNICÍPIOS	
	Número	%
Até 5.000	672	17,0
5.001 a 10.000 1.749	1.077	27,2 44,2
10.001 a 30.000 3.347	1.598	40,4 84,6
30.001 a 50.000 3.705	358	9,0 93,7
50.001 a 100.000 3.862	157	3,9 97,6
100.001 a 500.000	80	2,0 99,7
Acima de 500.000	11	0,2
TOTAL BRASIL	3.953	100,0

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL

POPULAÇÃO						Superfície		Receita Total		PESSOAL OCUPADO					
Total		Rural		Urbano		N.º de * Munic.	%	N.º de * Munic.	%	Indústria		Comércio		Serviços	
N.º de * unic.	%	N.º de * Munic.	%	N.º de * Munic.	%					N.º de * Munic.	%	N.º de * Munic.	%	N.º de * Munic.	%
672	2,53	672	1,25	672	4,13	672	11,60	596	1,25	402	0,30	402	0,33	402	0,15
1.077	8,48 11,03	1.077	4,30 5,55	1.077	13,80 17,93	1.077	18,60 30,20	933	3,80 5,05	765	1,79 2,09	765	1,42 1,75	765	0,82 0,97
1.598	29,18 40,21	1.598	16,10 21,65	1.598	45,74 63,67	1.598	49,13 79,33	1.362	11,47 10,52	1.278	11,33 13,42	1.278	18,45 20,20	1.278	5,97 6,94
358	14,45 54,66	358	10,65 32,30	358	19,28 82,95	358	10,46 89,79	309	6,03 22,53	335	7,24 20,66	335	5,97 26,17	335	4,01 11,25
157	11,20 65,80	157	10,86 43,16	157	11,64 94,59	157	8,06 97,85	140	6,10 28,65	151	7,95 28,61	151	6,98 33,13	151	6,70 17,95
80	15,12 80,98	80	23,20 66,36	80	4,91 99,50	80	2,00 99,85	72	15,11	80	23,30	80	18,80	80	25,89
11	19,02	11	33,64	11	0,50	11	0,15	10	36,24 71,35	11	48,09 71,39	11	48,05 66,87	11	56,16 82,05
3.953	100,00	3.953	100,00	3.953	100,00	3.953	100,00	3.422	100,00	3.022	100,00	3.022	100,00	3.022	100,00

(*) Indica-se o número de municípios, em cada classe, que possuem dados para as variáveis relacionadas.

cante, que se tornou de difícil explicação, já que não bastavam os recursos financeiros para garantir o êxito de um programa social nessa escala: 20 milhões de pessoas a serem alfabetizadas e espalhadas por todo um País de dimensões continentais.

Afinal, os projetos sociais apresentam muito maior complexidade do que os projetos industriais. Uma fábrica, por exemplo, ou projetos viários — estradas de ferro e de rodagem. Esses cuidam de coisas concretas, enquanto os projetos sociais trabalham com pessoas, todas iguais, mas também profundamente diferentes em relação aos seus anseios, aspirações e vontades.

Além disso, em nenhum País do nível de desenvolvimento do Brasil, projetos de alfabetização tinham alcançado êxito, e o órgão oficial da ONU para Educação recomendava projetos experimentais, de pequeno porte e elevado custo por alfabetizado, incompatíveis com as necessidades brasileiras.

Mesmo internamente, havia no Brasil quem não acreditasse no êxito ou na necessidade desse projeto. Alguns até mesmo temerosos das conseqüências de serem levantadas, com demasiada rapidez, as aspirações de uma grande massa, aprisionada, até então, em horizontes brutalmente

estreitos. O Governo Médici, através de seu Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, enfrentou o desafio, atraindo uma personalidade que imprimisse, ao Movimento, a credibilidade e a aceitação que lhe seriam indispensáveis. Assumiu a Presidência do MOBREAL, o Professor Mário Henrique Simonsen, atual Ministro da Fazenda, que, imediatamente, se dedicou à tarefa de equacionar o esquema da operação que iria ser deflagrada.

Nesse esquema reside o segredo do sucesso do MOBREAL. O ponto-chave do êxito do MOBREAL está no fato de entregar, aos Municípios, a tarefa de executar diretamente o projeto de alfabetização. Cabe ao Ministério, através do Prefeito e das lideranças locais, a tarefa de acionar toda a comunidade para um verdadeiro esforço conjunto — um mutirão; de recrutar os analfabetos, descobrir salas de aula em qualquer local possível; contratar os alfabetizadores e prover as salas do material necessário mais fácil de ser encontrado no local: giz, quadro-negro, lápis, borracha, etc.

Ao MOBREAL CENTRAL e às Coordenações Estaduais, montadas na capital de todos os Estados e Territórios, cabe, através de convênios com os Municípios, pagar os professores, enviar material didático, treinar os alfabetizadores, ensinando-lhes, corretamente, o método de alfabetização empregado pelo MOBREAL, supervisionar e controlar a execução dos convênios.

O convênio é o mesmo para todos os Municípios e alguns de seus aspectos devem ser destacados:

a) Os alfabetizadores são pagos por aluno *presente* nas salas de aula até o 4.º mês de curso, curso esse que tem a duração de 5 meses. Não sendo pago por aluno alfabetizado, o professor será, naturalmente, rigoroso com a aprovação, além de lutar para que seus alunos permaneçam em sala — evitando a deserção — já que são descontados, do seu salário, os alunos ausentes. Nos Municípios mais ricos, onde o salário pago pelo MOBREAL é considerado pequeno, o próprio Município completa esse salário com recursos próprios, motivando, assim, os alfabetizadores.

b) O material didático é a peça mais importante dentro da mecânica implantada. É o mesmo para todo o território nacional, realizado com o máximo de cuidado gráfico, o que representa um formidável e imediato estímulo à aprendizagem.

Graças às tiragens de milhões de exemplares que adquire — o MOBREAL já comprou 136 milhões de livros e mais de 215 milhões de jornais —, os preços pagos pelo MO-

BRAL são baixíssimos, pois utilizam a capacidade ociosa de diversos parques gráficos e editores do País.

Esse material faz parte de um método que permite atender às particularidades de cada região, a partir de palavras simples e usuais, como: tijolo, comida, etc. ... de uso freqüente e comum em todo o Brasil.

c) As Coordenações Estaduais orientam as Prefeituras para agirem

na época e da maneira mais satisfatória, a fim de que as metas estaduais sejam cumpridas. E mais: apoiando-as com um amplo corpo de Supervisores que se deslocam constantemente — 1 para cada 6 Municípios —, o MOBREAL garante a qualidade e o acompanhamento dos seus programas, em permanente contato com os Municípios e as diversas pessoas que, nesses Municípios,

constituem as Comissões Municipais do MOBREAL.

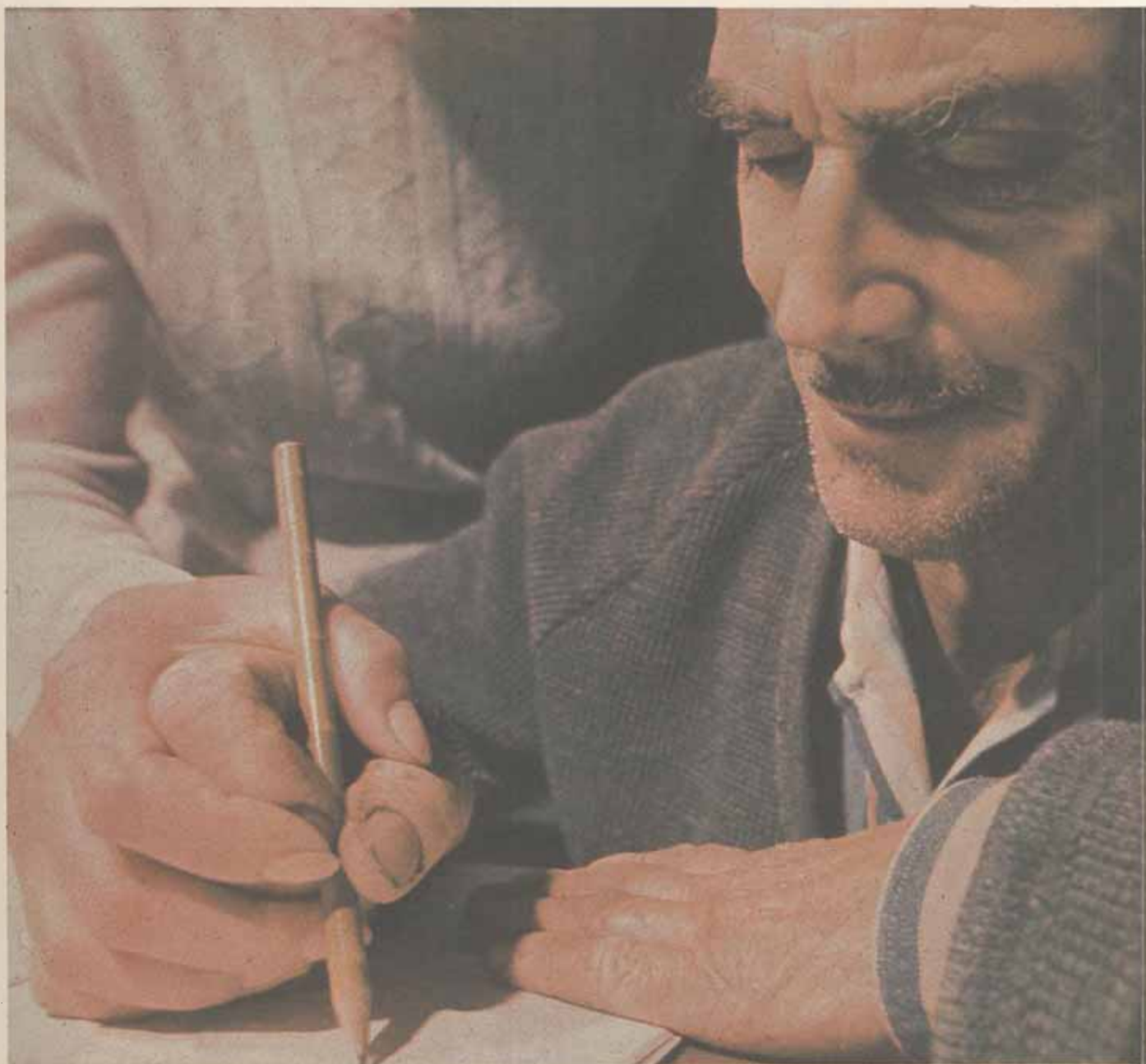
Todos esses elementos referidos acima, aliados ao reconhecimento e mesmo ao desejo latente de todo o povo de erradicar o analfabetismo, conduziram a um notável esforço de integração nacional. E essa integração atua através de uma única via — a língua nacional ensinada por um mesmo método — e do mesmo modelo de ação para todos os Municípios, fazendo com que nenhum esforço nacional supere o MOBREAL na tentativa de consolidar, firmemente, a unidade da nação brasileira.

E, pela continuidade que dá ao seu programa de alfabetização funcional, através de inúmeras outras atividades, o MOBREAL, mais do que o resgate de uma dívida social, é uma vasta e talvez última tentativa para levantar o nível de vida das populações marginalizadas. É um projeto de *emersão* social, política e econômica de uma parte considerável da população adulta brasileira que, apenas, dava o seu suor ao País, e pouco ou quase nada recebia desse mesmo Brasil que ajuda a construir.





*Outro aspecto importante do modelo
MOBRAL é o da captação de vocações.
Esse detalhe conduz à política do
Desenvolvimento Nacional.*





5

CINCO ANOS DE MOBREAL



E STAVA lançado o Movimento. Mas o que, de fato, produziu esse Movimento? Qual foi o seu ritmo? Quantos por ele foram envolvidos?

Basta observar as suas principais estatísticas com espírito crítico, para que estas respostas sejam obtidas.

Como já foi dito, o MOBREAL trabalha mediante convênios com os Municípios. Ao serem assinados esses convênios, nele se constata o número de pessoas que, naquele Município, em todas as suas salas, irão participar do programa de Alfabetização. Surge, então, a figura do conveniado. Ao longo do curso, se não freqüentar as aulas — e o professor não recebe mais por esse aluno —, ele passa a ser considerado como “evadido” ou “desertado”. Nesses anos de atuação do MO-

BRAL, o número de evasões ou deserções fica em torno de 18% em relação aos que iniciaram o curso. Nunca esse índice superou 20%, e atualmente não chega a 10%.

Resta saber quantos, tendo feito o curso, alcançaram o sucesso e foram considerados, de fato, “alfabetizados”. Esses, em geral, representam, apenas, a metade daqueles que chegaram ao fim do curso. Porque a avaliação é rigorosa e o MOBREAL quer encarar a realidade tal como ela se apresenta. Assim, se somarmos as perdas do programa, teremos, em média, nos 5 anos, a seguinte situação: para cada 100 pessoas conveniadas, 80 chegam ao final do curso e, dessas 80, apenas a metade — 40 pessoas — são consideradas alfabetizadas. É o que chamamos de “produtividade” do MOBREAL. Em cada 100 conveniados, 40 são alfabetizados. Esses 40% são satisfatórios em um programa de massa como é o MOBREAL e demonstram a preocupação *qualitativa* de alfabetização.

Qual seria o sentido de uma organização apresentar índices aparentemente baixos de “produtividade”, senão a certeza de que só importa fazer um trabalho sério, cada vez mais qualitativo, mesmo trabalhando com milhões de pessoas?

O quadro que se segue mostra, para os anos 1970 a 1975, o que foi o desempenho do MOBREAL:



A experiência é nossa: os chamados cartazes geradores da mensagem que desbrava o analfabeto. A técnica vem produzindo os melhores resultados em todas as áreas. É o Brasil despertando.

MOBRAL 5 Anos/Característica-Ano

BRASIL

	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	507.567	172.089	33,9
1971	2.590.061	1.081.320	41,7
1972	4.234.871	2.042.683	48,2
1973	4.931.100	1.784.397	36,1
1974	4.738.131	1.923.922	40,6
1975	4.332.411	1.652.643	38,1
TOTAL	21.334.141	8.657.054	40,5

Nota: O MOBRAL, é bom lembrar, só passou a funcionar em 8 de setembro de 1970.

NORTE

	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	21.386	5.131	24,0
1971	56.704	19.415	34,2
1972	155.655	61.993	39,8
1973	207.635	83.386	40,1
1974	175.724	84.992	48,3
1975	169.763	68.971	40,6
TOTAL	786.867	323.888	41,1

NORDESTE

	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	121.489	41.474	34,1
1971	1.347.387	580.740	43,1
1972	2.355.559	1.160.018	49,2
1973	2.754.152	995.988	36,1
1974	2.615.293	1.114.611	42,6
1975	2.321.802	902.677	38,8
TOTAL	11.515.682	4.795.508	41,6

MOBRAL 5 Anos/Característica-Ano

SUDESTE

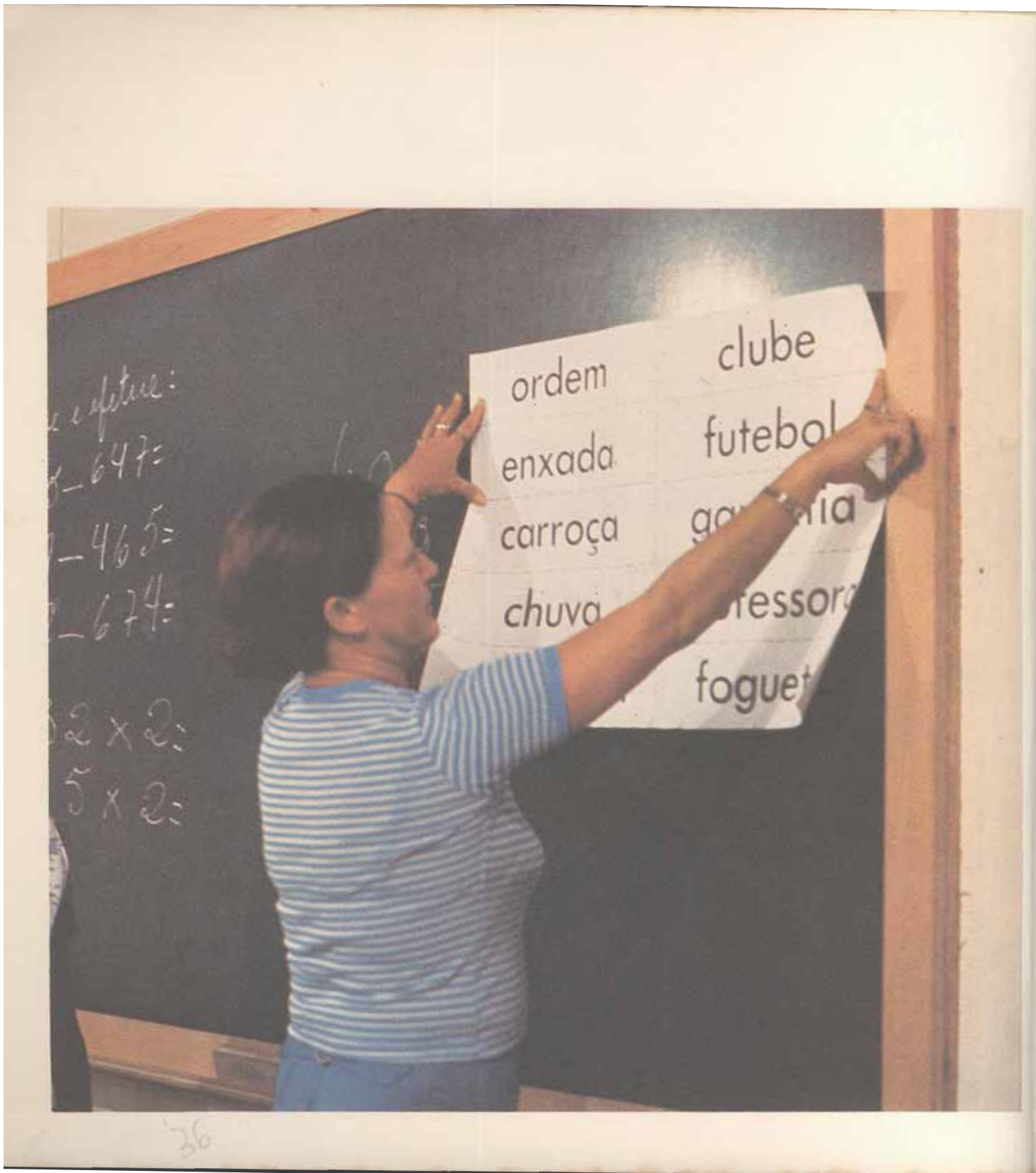
	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	245.203	66.840	27,2
1971	688.732	275.128	39,9
1972	1.161.774	519.609	44,7
1973	1.302.011	442.152	33,9
1974	1.341.974	404.903	30,1
1975	1.252.266	418.845	33,4
TOTAL	5.991.960	2.127.477	35,5

SUL

	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	77.149	36.157	46,8
1971	420.257	181.803	43,2
1972	402.701	236.350	58,6
1973	419.771	170.015	40,5
1974	384.766	213.739	55,5
1975	300.426	147.044	48,9
TOTAL	2.005.070	985.108	49,1

CENTRO-OESTE

	CONVENIADO	ALFABETIZADO	PRODUTIVIDADE (%)
1970	42.340	22.487	53,1
1971	76.981	24.234	31,4
1972	159.182	64.713	40,6
1973	247.531	92.856	37,5
1974	220.374	105.677	47,9
1975	213.577	92.062	43,1
TOTAL	959.985	402.029	41,8



ordem

clube

enxada

futebol

carroça

ganância

chuva

professor

foguet

espetáculo:

$$-647=$$

$$-465=$$

$$-674=$$

$$2 \times 2=$$

$$5 \times 2=$$

Esses números revelam que o MOBREAL já matriculou, apenas no seu programa de alfabetização, uma quantidade de pessoas equivalente a toda a população da Argentina, quase o dobro da população da Austrália, ou as populações do Chile, Bolívia, Equador e Paraguai somadas. O número de alfabetizados equivale a toda a população da Suécia, da Áustria e de Portugal.

Pergunta-se: os números apresentados pelo MOBREAL são dignos de confiança? Não cabe ao MOBREAL responder, e sim ao IBGE, único órgão que, no Brasil, periodicamente, avalia o analfabetismo. E os dados do IBGE, até 1973, que são os últimos disponíveis, coincidiram com os números apresentados pelo MOBREAL. Os dados do IBGE são pesquisados nacionalmente, mas mesmo aquelas investigações realizadas em locais delimitados, como o recente Censo Escolar da Cidade do Rio de Janeiro, comprovaram que a taxa de analfabetismo sofreu redução de 10% em 1970 (já então a menor do País), chegando a 5% em 1975.

Verifica-se, uma vez mais, e através da isenção de entidades autônomas, a veracidade das afirmações do MOBREAL. Esse Censo mostrou, inclusive, como o MOBREAL é criterioso com as suas informações, pois estimava, para 1975, na antiga Guanabara, um índice de mais de 6%.

Eis a avaliação basicamente *quantitativa* da ação do MOBREAL, com as explicações dadas sobre o conceito de "produtividade". Os números apresentados espelham um desempenho altamente *qualitativo*.

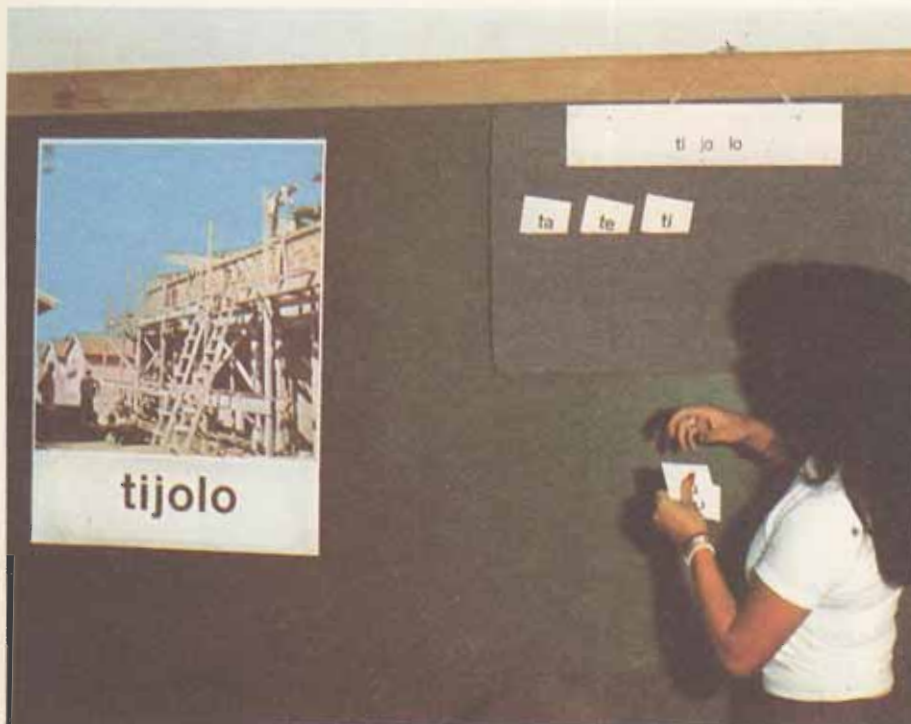
Antes de abordarmos especificamente esse ângulo, vamos tentar esclarecer, ainda que superficialmente, como funciona o método de alfabetização do MOBREAL. Esse programa chama-se, por extenso, Alfabetização Funcional —, funcional porque pretende que a alfabetização ampare e estimule o Homem a ser alfabetizado em sua função — no trabalho, na sociedade, e na vida, enfim.

Esse conceito envolve o ajustamento do Homem para o *trabalho*, ao contrário das tradicionais experiências de alfabetização, que pretendiam, de imediato, o ajustamento do Homem alfabetizado para *um trabalho*, o que implicava no custo proibitivo dos programas. Além dessa abordagem sobre os custos, o MOBREAL entende que preparação para *uma profissão* definida é uma etapa posterior a ser desenvolvida por outras entidades. O MOBREAL, sempre fiel às suas características, procura avançar no treinamento profissional

de uma maneira própria e inovadora, que será, na verdade, capaz de atender às escalas da força de trabalho do Brasil. Em 107 milhões de brasileiros, a força de trabalho é igual a 34 milhões de pessoas e, portanto, justifica-se um verdadeiro MOBREAL PROFISSIONAL, que será o elo entre o ensino proporcionado, atualmente, pelo MOBREAL, e o ensino técnico favorecido pelas organizações com tradição no setor: SENAI, SENAC, etc.

Como já foi dito, o método do MOBREAL baseia-se em palavras de grande uso em todo o território nacional, chamadas de palavras geradoras: escola, comida, sapato, tijolo, etc., sempre correspondendo a atividades das pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia (educação, alimentação, vestuário, emprego, habitação, etc.), e que sejam, também, palavras fáceis de serem trabalhadas.

De início, o sistema enquadra o aluno que não lê, ou sequer vê escrita uma palavra. Mas, ela, a palavra, já está presente, em imagem, em cada cartaz apresentado pelo professor: o chamado cartaz gerador.



*As palavras vão gerando a idéia gráfica.
As multidões vão se alfabetizando. O
risco de regressão, tão repicado, é contido
sob controle. O aproveitamento de 40% é
satisfatório num projeto de massa.*

O cartaz gerador que, antes de ser lançado em classe, já foi conhecido, compreendido e interpretado pelo professor — com a ajuda das sugestões do Guia de Alfabetizador, livro essencial do Conjunto Didático para o Curso de Alfabetização Funcional do MOBRAL — busca estimular discussões e debates sobre o tema que ele apresenta. E essa temática é, diretamente, ligada ao significado da palavra geradora, que será deduzida do cartaz.

Desinibindo os alunos nas primeiras aulas e estimulando-lhes motivações internas, o debate sobre o cartaz gerador desperta-lhes, igualmente, o interesse, levando-os à ação, isto é, descobrir, conduzir e fixar. O papel do alfabetizador é o de conduzir o grupo à reflexão através de perguntas (surgidas de técnicas adequadas de grupo), auxiliando-o na comunicação e expressão com clareza de seus pensamentos, experiências e conclusões. A síntese das conclusões e idéias principais surgidas durante o debate constitui-se na etapa final de fixação dos conhecimentos obtidos.

São os seguintes os passos básicos da Alfabetização do MOBRAL:

1. Apresentação e exploração do cartaz gerador;
2. Apresentação da palavra geradora, destacada do cartaz;
3. Decomposição silábica da palavra geradora; decomposta a palavra geradora em sílabas, torna-se necessário fazer o aluno perceber a funcionalidade dessas sílabas, senti-las vi-

vas e atuantes na língua, formando novas palavras com elas;

4. Estudo das famílias silábicas, com base nas palavras geradoras;

5. Descoberta de palavras novas;

6. Leitura e escrita das palavras descobertas;

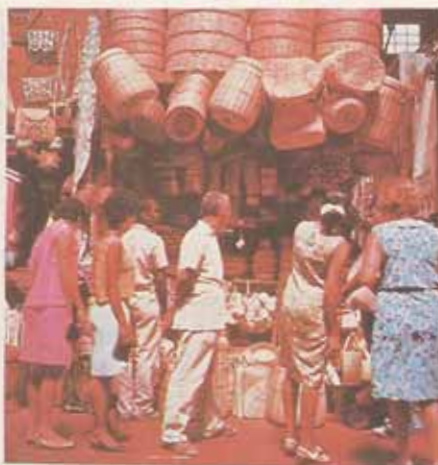
7. Formação de frases com as palavras descobertas;

8. Leitura das frases-contexto.

Esses passos repetem-se nas lições iniciadas, apoiadas por frases contextuais ligadas à temática das palavras geradoras, até que o aluno tenha se desembaraçado na leitura. Ele, agora, não só forma suas palavras e frases próprias, como também as lê e escreve. Completa-se o ciclo e a aprendizagem é assegurada.

Volta-se o MOBRAL, então, para a fixação e sustentação da aprendizagem da leitura.

Temos os textos finais no livro de leitura, componente do Conjunto Didático Básico; os livros de Leitura Continuada, distribuídos aos alunos a partir do 4.º mês de curso; o Jornal do MOBRAL, mensal, destinado à clientela de alfabetização e o Jornal Mural, também mensal. E, mais



feira



bola

ainda, os programas que continuam a Alfabetização Funcional: o Programa de Educação Integrada, em 12 meses, correspondente às 4 primeiras séries do ensino do 1.º Grau, e o programa MOBRAL CULTURAL.

Em "Como Despertar o Gosto pela Leitura", Chadly Fituri, Consultor da ONU, diz com propriedade:

"O que todos esperamos, ao ler um livro, é encontrar um homem que seja como nós somos, é viver tristezas e alegrias que nós mesmos não temos coragem de provocar, é sonhar sonhos que façam a vida mais excitante, talvez descobrir uma filosofia de vida que nos permita enfrentar os problemas e obstáculos que nos assaltam."

É essa a base de propósitos do MOBRAL, no ensino de leitura à sua clientela de adolescentes e adultos analfabetos. Adultos e adolescentes que anseiam pelo encontro do livro e do mundo sonhado e para os quais a leitura será, além da luz e do sonho, a ferramenta que lhes permitirá vencer os obstáculos e emergir profissional e socialmente.

A leitura de participação vai ao encontro do interesse imediato do adulto analfabeto e nos permite a economia de etapas. *O gosto pela leitura não espera a aprendizagem da leitura.* As duas fases são simultâneas, através de um método que postula, no início e ao longo do processo de alfabetização, o engajamento, a identificação do aprendiz com o objeto de aprendizagem, o reconhecimento do conteúdo enquanto se aprende a forma, porque ambos não podem ser dissociados. Assim se lê vivendo, aprendendo e gostando.

Ao aluno que aprende a ler, não basta identificar, pela memória, a palavra lida. É necessário que essa identificação, mais que isso, essa vivência, tanto prévia quanto posterior à leitura, encante o aluno, tocando a sua sensibilidade e elevando-o para a verdadeira magia do aprendizado. E a palavra, despertada por lembranças calcadas nas experiências e conhecimentos de cada um, desperta, por sua vez, novas explorações de conhecimento.

Temos, pois, em uso no MOBREAL, a metodologia da leitura-significativa, da leitura-participação, por palavras geradoras. É o método que denominamos de eclético, incorporando pontos eficientes, embora por vezes contrastantes, de várias educacionais.

Por tudo o que já se disse até agora, é óbvio que o MOBREAL está, permanentemente, preocupado com a *progressão* de seus alunos depois de alfabetizados. Isso escapa aos críticos de fraca imaginação que repisam sempre o tema de regressão ao analfabetismo.

Essa regressão, se é que existe, nunca foi pesquisada em parte alguma do mundo. Se existe, também não se pode precisar quando ocorrerá. 10 dias após o curso? 2 meses? 2 anos? Apesar dessas incertezas, o MOBREAL pesquisa a hipotética existência da regressão, através do "acompanhamento" dos alfabetizados, que recebem diplomas onde existem partes descartáveis (cupons), que devem ser enviadas ao MOBREAL CENTRAL de 6 em 6 meses, durante um período de 2 anos, indicando os fatos mais significativos ocorridos na vida de cada um, o que permitirá avaliar-se, *com precisão, todos os reais benefícios proporcionados pela ação do MOBREAL.*

É interessante destacar que a ninguém ocorre indagar sobre a existência ou não de regressão nos alunos que freqüentaram a escola regular — 70% com apenas uma sala — pretendendo, ao mesmo tempo, escolarizar alunos de vários níveis. Ocorre ainda que os repetentes da 1.^a série, num percentual de 24%, (última informação disponível), determinaram um tal congestionamento, nesse ramo de ensino, que, segundo estudo da Universidade de

Brasília, o fluxo de alunos da primeira para a segunda série só será corrigido no ano 2200.

O MOBREAL se preocupa, pesquisa e combate a ameaça da regressão. Mas se interessa muito mais em agir no sentido da progressão de seus alunos.

A Educação Integrada, segundo programa ensaiado pelo MOBREAL, corresponde ao antigo ensino primário compactado em 12 meses após a alfabetização. É reconhecido pelo Conselho Federal de Educação pelo Parecer n.º 44/73, e ministrado pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. O MOBREAL oferece material didático, treinamento e, principalmente, um ânimo colaboracionista com os sistemas regulares de ensino, o que, mais uma vez, escapa aos críticos habituais do MOBREAL, que teimam em apresentá-lo como um sistema à parte.

EDUCAÇÃO INTEGRADA

MATRÍCULA

1971	33.000
1972	817.000
1973	1.000.000
1974	1.103.000
1975	1.183.000

A qualidade no MOBREAL não é jamais um subproduto dos seus programas. O setor de pesquisas, através de investigações sistemáticas, realiza o "controle da qualidade do produto final" (o alfabetizado), expressão essa que só encontra similar nos processos industriais mais sofisticados. A permanente supervisão desenvolve-se em função de amplo treinamento com o apoio de tocafitas, reproduzindo em todo o Brasil programas gerados pelos diversos grupos técnicos do MOBREAL. O treinamento dos alfabetizados também se faz com o apoio do rádio — convênio com o Projeto Minerva —, tendo alcançado, em 1972, 108.000 alfabetizadores em circuito nacional de radiodifusão com recepção organizada e radiopostos montados em todo o território nacional.

O MOBREAL CULTURAL é o terceiro programa em operação e constitui um desdobramento natural dos programas de alfabetização e educação integrada. Poucos se lembram de que há um laço indissolúvel entre *Educação e Cultura*. Desprezar as manifestações culturais da população que chamamos de "mobrealense" é desprezar as verdadeiras raízes culturais do Brasil.

O "mobrealense", não tendo sido tocado por quaisquer processos de educação e cultura sistemáticas, desenvolveu cultura própria, autêntica, já que a injustiça social que o marginalizava, pelo menos preservava os seus hábitos e costumes, que permanecem existindo em estado de absoluta pureza.

Essa cultura deveria ser recolhida e estimulada como imperativo nacional.

O MOBREAL CULTURAL, até hoje um programa da maior singeleza, é uma prova viva de que a máquina/MOBREAL, bem acionada, poderá extrair do espírito comunitário das municipalidades um farto manancial de atividades, que enriquecerão a vida dessas comunidades em todos os sentidos. Antes do seu lançamento, o MOBREAL CENTRAL enviou circular aos Municípios, informando-lhes de sua intenção de montar mais esse programa. A receptividade foi magnífica, pois cerca de 2.000 Municípios informaram, em apenas 15 dias, o seu desejo de participar do programa, oferecendo locais para utilização dos futuros postos culturais. Esses poderiam ser instalados em qualquer local — até mesmo na sala de aula do MOBREAL — e iniciar suas atividades com uma minibiblioteca. O objetivo é que a própria comunidade, atraída por pequenos estímulos enviados pelo MOBREAL CENTRAL, vá ampliando as manifestações culturais, incluindo teatro, cinema, artesanato, grupos musicais, etc.

Todas essas atividades justificam-se por si mesmas. Mas são também um poderoso auxílio no esforço de progressão do "mobrealense", um empenho adicional no combate à famigerada regressão e, principalmente, o maior aliado no esforço de mobilização da comunidade em prol daqueles que persistem na condição de analfabetos e que devam, ainda, ser atraídos para o MOBREAL.

Os postos culturais de cada localidade são abastecidos e revitalizados pela passagem das MOBREALTECAS — os postos móveis —, que promovem intensa movimentação nas cidades onde desenvolvem suas atividades. Essas unidades são caminhões equipados com videocassete, receptor de televisão, projetor de cinema, livros, pinacoteca, material de artesanato, palco desmontável — onde o animador da MOBREALTECA promove um verdadeiro "show" de cultura e consegue a adesão e amparo de todos os talentos locais. Anote-se que todas as MOBREALTECAS foram oferecidas ao MOBREAL por empresários vitoriosos de inegável lucidez.

Além dessas atividades, os postos culturais funcionam, também, como Balcões de Emprego, atraindo as pessoas que se beneficiam das atividades culturais.



152

*O MOBRAL abre os braços para países
sul-americanos, asiáticos e africanos, que
enviam seus técnicos ao Brasil.*

Essas são as atividades do MOB-RAL, que não representam desvios em relação ao Programa Fundamental de Alfabetização. Antes, significam as extensões da Alfabetização e, principalmente, um auxílio considerável ao maior problema com que, atualmente, o MOB-RAL se defronta: o recrutamento dos analfabetos remanescentes, que precisam ser envolvidos para que, até 1980, seja cumprida a meta de Erradicação do Analfabetismo.

O MOB-RAL, como sistema educacional é, na verdade, um sistema cujo sentido expansionista é oposto ao dos demais sistemas.

Os sistemas regulares se expandem devido à pressão da demanda cada vez maior de pessoas que buscam os vários níveis de ensino. O MOB-RAL, não. Passados os seus primeiros anos de atuação, quando os analfabetos foram recuperados, o MOB-RAL passou a lutar contra dificuldades crescentes na mobilização dos restantes. Enquanto o ensino superior cresceu em 700%, pela mera expressão dos jovens que batem à sua porta, o MOB-RAL deve fazer o oposto: vai de casa em casa, cadastrando e motivando os que persistem, por inúmeros motivos, no analfabetismo.

Outro aspecto a destacar, nos 5 anos de operação do MOB-RAL, é que ele representa o sucesso de um projeto social — o único mesmo — que floresceu em uma época de acelerado crescimento econômico.

Trata-se de uma prova cabal de que o crescimento econômico pode e deve ser acompanhado de projetos sociais, desde que esses representem as aspirações reais do povo e o seu esquema de ação esteja impregnado, de alto a baixo, de entusiasmo e racionalidade.

O MOB-RAL é, de fato, o início concreto de uma efetiva política municipalista brasileira e o embrião — que deve ser intensa e cuidadosamente cultivado — do desenvolvimento comunitário, que se iniciou da melhor e mais desejável forma possível. Esse esforço comunitário pode ser aferido em cruzeiros, admitindo-se que, para cada cruzeiro gasto pelo MOB-RAL CENTRAL, existe, no mínimo, outro cruzeiro despendido pela comunidade.

À guisa de informação, convém ressaltar que o custo de um aluno conveniado, posto na sala de aula, é de, apenas, Cr\$ 45,00, enquanto o custo de um alfabetizado é de Cr\$ 110,00.

Por todas essas características, não faltou ao MOB-RAL o apoio internacional, a começar pela própria UNESCO, que o avaliou através de peritos especialmente destacados para essa missão e por um amplo seminário internacional realizado no

Rio de Janeiro, em 1973. O resultado foi a ampla aprovação da experiência do MOB-RAL e o credenciamento do Movimento como a entidade oficialmente capaz de oferecer treinamento em projetos de alfabetização de adultos. A partir desse credenciamento, o MOB-RAL já realizou um primeiro Seminário para Países da Ásia, África e América Latina, em 1974.

O MOB-RAL recebeu, também da UNESCO, menção honrosa do Prêmio Reza Pahlevi, em 1972, entregue, pessoalmente, ao então Presidente Mário Henrique Simonsen, pelo Diretor-Geral da UNESCO em Paris.

Ratificando o ponto de vista da UNESCO, outras entidades internacionais, como o BID e o BIRD, revelaram, em documentos oficiais, sua admiração pelo MOB-RAL.

Palavras da maior importância são as que encerram a exaustiva análise que John Cairns, ex-diretor da Divisão de Educação de Adultos da UNESCO, realizou depois de observação direta do MOB-RAL, no Brasil.

“Por experiência própria e pelo que observei no Brasil, eu o considero como o mais notável de todos os programas de larga escala no Terceiro Mundo”.

Como coroamento da avaliação internacional, nada mais relevante que os pedidos de assistência técnica que, espontaneamente, inúmeros países como o Senegal, Paraguai, Bolívia, Jamaica, Guiné-Bissau, Paquistão, Afeganistão, Mali, Iraque e Irã, entre outros, vêm solicitando ao MOBRAL. A ponto de o próprio Ministério das Relações Exteriores preparar amplo convênio de Assistência Técnica, para oferecer o MOBRAL como peça importante no aprofundamento das relações do Brasil com esses países.

Após cinco anos de atuação, a taxa de analfabetismo no Brasil encontra-se em torno de 18%, resultando que, SEM O MOBRAL, essa taxa só seria atingida, provavelmente, no fim dos anos 80. Os 12 milhões de analfabetos que o Brasil ainda suporta são, em quantidade, equivalentes aos que possuía por volta de 1930. E, seguramente, não bastaria o esforço de expansão do ensino fundamental para impedir que, SEM O MOBRAL, o país ainda revelasse, em 1980, uma taxa de analfabetismo em torno de 28%. O gráfico é ilustrativo dessa situação e de como o MOBRAL interveio, decisivamente, no comportamento do fenômeno do analfabetismo no BRASIL.

Analfabetos no Brasil

	1970			1975		
	Pop de 15 anos e +	Analfabetos de 15 anos e +	Índice de Analfabetismo	Pop de 15 anos e +	Analfabetos de 15 anos e +	Índice de Analfabetismo
AC	108.312	59.384	54,8	127.897	20.266	15,8
AL	866.851	534.946	61,7	1.001.507	229.314	22,9
AM	497.666	189.542	38,1	597.380	34.317	14,1
AP	57.197	19.534	34,2	76.506	12.518	16,4
BA	4.098.095	2.115.232	51,6	4.693.438	1.829.200	39,0
CE	2.377.249	1.297.711	54,6	2.767.945	1.091.812	39,4
DF	310.097	53.938	17,4	675.524	37.356	5,5
ES	882.374	303.151	34,4	1.050.010	170.803	16,3
GB	2.967.949	316.726	10,7	3.280.067	227.902	6,9
GO	1.605.703	632.073	39,4	2.028.915	517.498	25,5
MA	1.628.653	973.219	59,8	1.748.480	610.587	34,9
MG	6.523.619	2.326.759	35,7	6.869.971	1.325.349	19,3
MT	870.384	303.968	34,9	1.129.423	200.333	17,7
PA	1.171.229	392.894	33,5	1.431.844	278.947	19,5
PB	1.321.681	730.080	55,2	1.462.106	58.802	4,0
PE	2.901.149	1.459.089	50,3	3.322.608	735.330	22,1
PI	881.247	535.058	60,7	1.062.415	321.924	30,3
PR	3.779.596	1.204.885	31,9	4.839.928	853.127	17,6
RJ	2.823.729	675.041	23,9	3.386.230	278.302	8,2
RN	851.503	461.313	54,2	1.032.501	323.735	31,4
RS	4.065.335	802.886	19,7	4.523.779	535.311	11,8
RO	60.384	21.550	35,7	75.936	13.462	17,7
RR	20.906	7.498	35,9	24.674	5.532	22,4
SC	1.596.012	321.104	20,1	1.903.819	79.449	4,2
SE	486.144	261.239	53,7	538.586	201.726	37,5
SP	11.254.921	2.148.021	19,1	13.130.093	1.749.281	13,3
BRASIL	54.007.985	18.146.891	33,6	62.781.581	11.792.183	18,8

As estimativas que a seguir apresentamos, ratificadas pelo I.B.G.E. até 1973, por Regiões (Norte, Nordeste, etc.), foram realizadas pelo MOBRAL, não só quanto aos dados de alfabetização, mas também quanto aos da população de mais de 15 anos, por Estados da Federação. É interessante destacar os avanços de cada Estado face aos números que o CENSO de 70 contabilizou para cada unidade.

Para concluir o que foram esses 5 anos de Mobral, nada melhor que as palavras de seu primeiro Presidente, Mário Henrique Simonsen, que, em memorável artigo publicado na imprensa, em 1973 — “O MOBRAL E OS UTOPISTAS” —, destacava os seguintes tópicos que, em sua essência, continuam absolutamente atualizados, definitivos e ajustados à realidade brasileira:

“Quem leu a clássica fábula de La Fontaine” — “O Moleiro, Seu Filho e o Burro” — sabe que não há exercício intelectual mais fútil do que a crítica sem alternativas.

Como o MOBRAL, pelos resultados que obteve em dois anos e meio de atuação, é hoje internacionalmente reconhecido como o maior movimento mundial de alfabetização de adultos, é natural que para ele se assemem as baterias dos críticos. E como nem todos aproveitaram as lições de mestre La Fontaine, compreende-se que despontem, aqui e ali, os famosos exercícios da crítica sem alternativas.

Em linhas gerais, essas críticas se concentram nos seguintes pontos: a) há inúmeros adultos que entram esperançosos no MOBRAL e que sofrem tremenda frustração de abandonar o curso, ou de chegar ao seu fim, sem aprender a ler e escrever; b) as professoras do MOBRAL são mal pagas, e muitas delas mal preparadas; c) há salas de aulas miseráveis no MOBRAL, com deficiências incriveis de mobiliários e de iluminação; d) há até casos isolados de fraude, em que foram distribuídos diplomas a analfabetos; e) não adianta alfabetizar o indivíduo sem ao mesmo tempo lhe assegurar uma formação profissional; f) e dirigentes do MOBRAL, olhando as estatísticas e esquecendo o mundo de dificuldades em que vivem os alunos e professores, exibem um otimismo eufórico, agressivamente contrastante com as misérias do programa de alfabetização.

Alguns me dizem que nessas críticas há apreciável dose de má-fé. Outros, que elas provêm de vesículas mal reguladas.

Prefiro interpretá-las como o resultado de formidável deformação filosófica. O pessimismo sistemático atrai vários espíritos e, em certa época, chegou a ser moda em círculos intelectuais sofisticados. Contudo, a moda parece ter mudado depois que alguém observou que nada irrita tanto, a quem sente o próprio fracasso, do que o sucesso de outrem.

Na base dessas críticas, parece-me residir a incompreensão de que há uma profunda diferença entre alfabetizar 100 pessoas e alfabetizar 2 milhões de indivíduos. Imaginemos que se queira alfabetizar 100 adultos. Com louvável desvelo trataremos, em primeiro lugar, de encontrar salas de aula bem equipadas, bem iluminadas e dotadas dos mais modernos recursos audiovisuais. Em seguida, de recrutar cinco alfabetizadoras, bem treinadas, comunicativas, e com a necessária acuidade psicológica para compreender as dificuldades do analfabeto. Por último, de selecionar professores especializados que, após a alfabetização, irão ministrar os cursos de treinamento profissional, com estágios práticos em empresas, que logo a seguir garantirão o emprego dos 100 felizardos.

Quanto custará cada alfabetizado? Talvez, digamos, 5 mil cruzeiros. Mas o custo unitário não assusta. Afinal, são apenas 100 alunos. O total será de quinhentos mil cruzeiros, que podem, facilmente, ser cobertos por meia dúzia de beneméritos.

Mas... se ao invés de 100, quisermos alfabetizar 2 milhões de adultos por ano? Aí a coisa se complica. Primeiro, surge o problema dos recursos. A 5 mil cruzeiros por aluno, teríamos uma despesa anual de 10 bilhões de cruzeiros. Isso é quase tanto quanto o total das despesas da União, dos Estados e Municípios com toda a educação primária, secundária e universitária. Dir-se-á: "mas por que o Governo não destaca esses 10 bilhões de cruzeiros (que representam mais ou menos 3% do produto nacional) para a alfabetização de adultos?" Os dirigentes do MOBRAL ficariam muito satisfeitos, mas todos eles possuem suficiente realismo econômico para saber que é impossível dividir um bolo em partes cuja soma ultrapasse o todo. De fato, essas mesmas pessoas que desejariam que o Governo gastasse mais na alfabetização de adultos, também desejariam maiores investimentos em hidrelétricas, petróleo, estradas, indústrias e, além de tudo mais, que o consumo do povo aumentasse. Em suma: numa insaciável revolta contra a aritmética, pregariam a divisão do produto nacional em fatias percentuais de soma maior do que 100%.

Mas o dinheiro não seria o único problema. Ao invés de 5, precisaríamos de 100 mil professores eruditos, comunicativos e compreensivos. De outras tantas salas de aula bem equipadas e iluminadas. E assim por diante. Onde encontrar tudo isso? Então, no desespero, cruzaríamos os braços, dizendo: "É impossível." E desistiríamos de alfabetizar milhões de brasileiros.

É preciso compreender que, quando se passa de uma experiência de laboratório para uma operação em larga escala, torna-se necessário uma mudança radical de atitudes. A experiência de laboratório pretende atingir a perfeição qualitativa, sem a preocupação da quantidade; como tal, não importa se os custos unitários são altos, nem se a natureza oferece em vastas quantidades os materiais usados na experiência. Na operação de grande escala, temos que olhar, atentamente, para os custos unitários — se eles forem altos, a operação não se realiza por falta de recursos financeiros — e visualizar sua viabilidade logística, *sem a qual o programa fracassa por impossibilidade física*.

É claro que uma operação que precisa enfrentar essas duas preocupações — a de viabilidade logística e a dos custos unitários reduzidos — tem que aceitar uma série de imperfeições inadmissíveis numa experiência de laboratório.

Há um inevitável coeficiente de insucessos e, se nos torturarmos com a sua existência, só teremos uma saída: desistir de qualquer operação

de larga escala. Na realidade, só há um meio sensato de se avaliar um programa desse tipo e que consiste em verificar: a) se, descontadas as perdas, o saldo dos casos bem sucedidos alcança as metas programadas; b) se, também, levado em conta o coeficiente de perdas, o custo unitário se contém dentro de limites razoáveis.

É essa a filosofia do MOBRAL.

... É claro que, ainda assim, podem surgir casos isolados de fraudes. Numa sociedade de grandes números é impossível evitar certa faixa de marginalidade e, por isso, todas elas se protegem com o Código Penal. O MOBRAL, sempre que identifica tais irregularidades, trata de aplicar punições exemplares. Ridículo é imaginar que essas raras exceções configurem algum pecado mortal do MOBRAL. Seria o mesmo que pregar o extermínio da humanidade pelo fato de existirem alguns criminosos.

... Pelo ritmo em que vai o MOBRAL, podemos esperar que, em 1980, o nosso índice de analfabetismo adulto se situe abaixo de 10%. E o importante é que esse resultado deverá ser conseguido, apesar de todas as dificuldades que cercam o programa em matéria de recursos financeiros, materiais e humanos.

Pois, se alfabetizar fosse fácil, o Brasil já não teria analfabetos".

Programa de alfabetização da UNESCO

O sucesso irrecusável do MOBRAL — tão nitidamente demonstrado ao longo das estatísticas e informações gerais contidas neste livro — choca-se com os resultados do programa de alfabetização da UNESCO, cuja execução foi aplicada no curso de 10 anos e envolveu 11 países — Argélia, Mali, República Malgaxe, Sudão, Etiópia, Tanzânia, Guiné, Equador, Índia, Irã e Síria.

O programa que fazia parte do setor de Desenvolvimento das Nações Unidas, como cooperação técnica, foi criteriosamente analisado e aferido, em 1975, por um grupo de peritos, proporcionando substancioso estudo crítico.

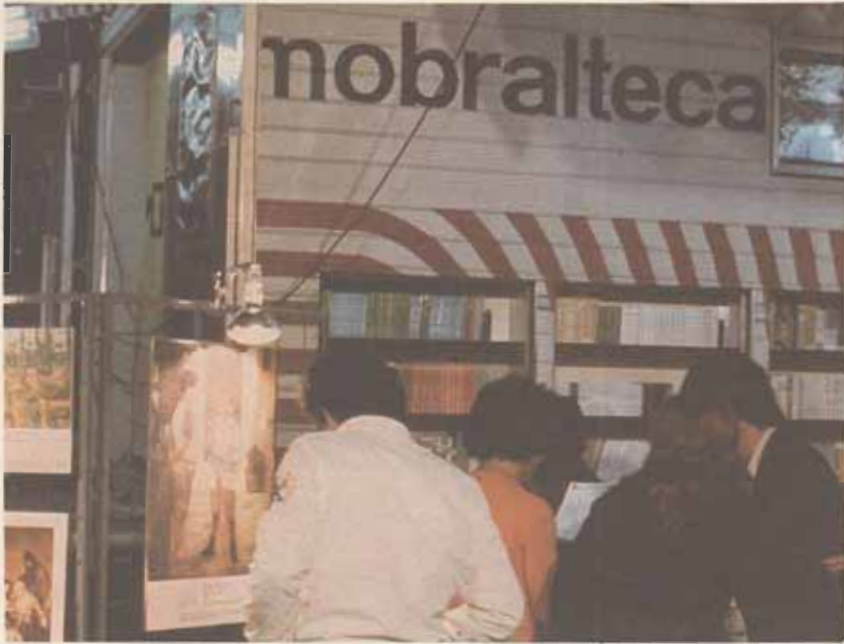
Os analistas esbarraram, desde logo, numa evidência: em 1965 havia, no mundo, 735 milhões de analfabetos, e 10 anos depois esse número elevou-se para 800 milhões. Não foi, sequer, alcançada a meta menor do programa — a alfabetização de, pelo menos, 1 milhão de pessoas nos 11 países nos quais foi realizada a experiência. “O mínimo que se poderia esperar do projeto é que o analfabetismo, no mundo, não piorasse. E isso não foi conseguido” — declara um tópico do relatório crítico.

Todos os perfis foram mensurados — o político e seus objetivos, administração e organização, professores e técnicos convocados, currículos, métodos, custos e pesquisa — e as conclusões foram negativas nos diversos planos da abordagem analítica. Entre as razões apontadas — dizem os peritos da UNESCO —, a maior delas “é a de querer resolver, tecnicamente, problemas que são técnicos somente em parte”. Do relatório, textualmente: “Devemos dar ao analfabetismo um enfoque menos funcional, mais multidimensional, combinando os programas com a política econômica e cultural dos Governos.”

À parte o experimento da UNESCO, encontramos a China (1949) com taxas de analfabetismo oscilando entre 80 e 85 por cento, segundo registro de K. E. Priestley, *expert* da UNESCO. Apesar de imoderado esforço comunitário, a China não conseguiu alcançar, em curto prazo, os elevados índices de alfabetização marcados pelo MOBRAL — 8.657.054 brasileiros alfabetizados, em apenas 5 anos de sua idade ativamente.

Na URSS (Censo de 1920), para um grupo de mil pessoas, 319 eram analfabetas. Pouco depois da Revolução de 1917, o índice de analfabetos era de 80% entre a juventude feminina e masculina. Embora Lenin colocasse a alfabetização como básica para construção do socialismo soviético, aplicando, como na China, todos os tipos de pressões do poder, a URSS só venceu o analfabetismo no curso de 20 anos.

Construindo o seu próprio modelo e motivando o povo com a aplicação da livre comunicação, de modo a despertar, em cada brasileiro, sua potencialidade cívica, alcançou o MOBRAL elevados índices de produtividade no campo da erradicação do analfabetismo, gerando, com o seu exemplo, lição universal. Podemos hoje, sem dúvida, doar ao mundo a nossa experiência vitoriosa. O que, aliás, já estamos fazendo.



48



Mobilidade é marca da MOBRALTECA, que se desloca em caminhões, equipados com videocassete, receptores de tevê, projetores de cinema, livros, pinacoteca, palco desmontável e recursos humanos. O sistema alcança brasileiros de todas as profissões e em todos os pontos do nosso território.



6

MOBRAL ATÉ 1980



55

O MOBRAL é uma organização que impressiona a todos aqueles que, tendo consciência da vastidão do território nacional (8,5 milhões de km²) e das dificuldades de implantação de um programa — qualquer programa — que possa atingir a todos os Municípios, percebem o valor inestimável da máquina que se conseguiu montar no Brasil. Essa máquina é simples e, ao mesmo tempo, poderosa, pois foi ao encontro de uma necessidade reconhecida por toda a população.

Muitos outros problemas poderão ser resolvidos, desde que sejam sondadas as comunidades em seu grau de receptividade para novas tarefas que, uma vez acionadas pelo MOBRAL CENTRAL, terão um rápido desenvolvimento, garantido pela aceitação e engajamento dessas comunidades.

Desprezar a máquina que despertou a consciência comunitária no País e, pela primeira vez, acionou direta e intencionalmente todas as municipalidades, é não vislumbrar o potencial que se instalou no Brasil para melhoria imediata das condições de vida de populações praticamente abandonadas. E, agora, com a vantagem de aproveitar o conceito e

a verdadeira mística que o MOBRAL desencadeou no País, já que ele corresponde a uma das mais autênticas vocações nacionais: os projetos grandiosos. Estaremos desperdiçando um *momento ótimo*, onde a oportunidade de um programa como esse e o seu custo mínimo não se reproduzirão novamente.

O importante é que esses projetos grandiosos estejam impregnados ao máximo de racionalidade, nos seus objetivos e nos seus métodos, e que correspondam, sempre, a um desejo latente das populações atendidas. Precipitá-los ou retardá-los é não descobrir que existe um instante certo, um tempo ótimo, um momento ideal, para resolvê-los. Não há porque acelerar uma ação que, provavelmente, poderá ser rejeitada pela comunidades, sempre que ficar patente um verdadeiro “choque cultural” entre o que pretendem as entidades da cúpula e o que podem e desejam aceitar, naquele momento, as comunidades envolvidas.

Esses outros programas que possam ser desenvolvidos, não constituem um desvio do rumo básico — a alfabetização —, já que essas novas funções serão indispensáveis para a derrubada dos crescentes obstáculos à definitiva erradicação do analfabetismo. Os 12 milhões de maiores de 15 anos, que ainda permanecem analfabetos, são menos motivados ou estão muito dispersos pelo País — dificultando o seu recrutamento — ou até mesmo já conheceram o insucesso nas tarefas de alfabetização, devido a inúmeros fatores. Esses fa-

tores são originários das condições onde se processam as aulas: má iluminação das salas, professor pouco qualificado, etc., ou então, das próprias condições das pessoas que participam do programa: desnutridas, cansadas, com deficiências visuais, auditivas e mentais.

Mesmo as pessoas que se encontram nessa última situação são envolvidos pelo MOBRAL, através de outros programas, como o MOBRAL CULTURAL, o PRODAC — Programa Diversificado de Atividades Comunitárias e o PES — Programa de Educação Sanitária. Esses dois últimos já ensaiam seus primeiros passos. Não é pelo fato de uma pessoa não poder assimilar um código simples, como a alfabetização, que o seu desempenho na vida não possa ser melhorado. Os programas mencionados acima não se destinam, evidentemente, aos mais incapazes; apenas demonstram que até esses poderão ser envolvidos.

O acréscimo de tarefas — quando bem acionadas — não enfraquece ou desgasta a máquina/MOBRAL; antes, a fortalece, pelo crescente crédito que o Movimento recebe dos que dele participam, mantendo o seu *rítmo*, que é, afinal, a própria razão de ser de um *Movimento*.

Àqueles que, porventura, venham a condenar essas aberturas do MOBREAL, como estranhas a uma organização destinada à alfabetização (a educação de que mais necessitamos), falta, na verdade, conhecimento das modernas teses que hoje dominam a Educação, em todo o mundo. São essas teses, em síntese, a da Educação Permanente e a da Cidade Educativa.

A Educação Permanente, como ficou mais do que claro ao longo deste documento, está presente em todos os movimentos do MOBREAL, quando este se preocupa, obsessivamente, com a *progressão* dos seus alunos.

A Cidade Educativa é o rumo das sociedades que, ganhando consciência madura, sabem que a Educação está presente não só na Escola, mas em inúmeras situações da vida cotidiana. A Educação expandiu suas fronteiras e se desenvolve através de diversos modos, e em conjunto com todas as atividades humanas. Usa desde os meios de comunicação de massa até o contato entre pessoas — o diálogo. Impregna e envolve os seres humanos a cada instante. E, mais uma vez, a sabedoria popular antecipou-se aos cientistas, valendo-se de um ditado bastante

popular no Brasil: “vivendo e aprendendo”. Edgar Faure, Ministro francês que coordenou o trabalho mais recente em educação, deu-lhe o título de “Aprender e Ser”. São visões idênticas, ainda que formuladas de modalidades aparentemente opostas, de focar a Educação e a Vida. Isso é claro para qualquer pessoa que sente as coisas dinamicamente e percebe que as atividades humanas estão sempre atuando umas sobre as outras.

Essa percepção ampla do MOBREAL foi plenamente encampada pelo Presidente Geisel quando, em seu primeiro pronunciamento à Nação, disse textualmente:

“da erradicação definitiva do analfabetismo de adultos, transferindo-se desde logo os recursos que, paulatinamente, venham a ficar disponíveis para o ensino supletivo de 1.º Grau, voltado para as necessidades dos recém-alfabetizados mais jovens e aproveitando-se, em ambos os casos, a válida experiência do MOBREAL para campanhas nos setores da educação sanitária, da medicina preventiva, da coleta de dados estatísticos, da difusão da cultura, entre outras”.

O Programa de Educação Sanitária foi aprovado, recentemente (em novembro de 1975), pelo Conselho de Desenvolvimento Social, que a ele destinou mais 8 milhões de cruzeiros. Esse programa consiste em atingir, em primeira escala (1.º semestre de 1976), 200 Municípios de alguns Estados prioritários do Nordeste — Piauí, Ceará e Paraíba —



Chega, ao MOBREAL, a ressonância internacional de seus feitos: a UNESCO lhe conferiu o Prêmio Reza Pahlevi. Como reconhecimento do sucesso de suas técnicas.

para, através de 9.000 grupos participantes, durante o período de um ano, envolver as comunidades e serviços de saúde locais, para efetuar mudanças substanciais nas atuais condições de saúde e saneamento. Serão estimuladas e orientadas novas atitudes de preservação da saúde individual e de melhores condições de higiene dos domicílios e de toda a comunidade.

A clientela é predominantemente aquela envolvida nos programas do MOBRAL e, avaliado esse programa, deverá o mesmo ser estendido a todas as regiões do Brasil.

Essa aprovação deu-se em pleno desenvolvimento de uma Comissão do Senado, que avaliava as atividades do MOBRAL, principalmente quanto à presença de menores de 15 anos em suas salas.

O Relator da Comissão, Senador José Lindoso, do Amazonas, ultrapassou o ponto focal da controvérsia, compreendendo, através dos inúmeros depoimentos prestados, a essência do significado do MOBRAL para o Brasil.



BID E BIRD também se associaram ao reconhecimento do mérito do MOBRAL. A nossa luta contra o analfabetismo transpôs muitas fronteiras, servindo de estímulo a muitas nações.

MINISTERIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
POSTO CULTURAL DE MACAPÁ
CONVÊNIO SEC/MOBRAL



54

*Macapá, numa esquina da Amazônia,
conta também com a presença do
MOBRAL. Assim, irrompe na floresta o
mais importante componente da
integração. A economia caminha passo a
passo com a alfabetização.*

O seu relatório é altamente favorável ao MOBRAL, mesmo no ponto de maior controvérsia: a presença de crianças em sala. As experiências realizadas pelo MOBRAL, para atender adequadamente essas crianças, por um programa específico — Programa de Recuperação de Excedentes —, recebeu, no Relatório do Senador José Lindoso, o seguinte tópico, no item 6 das Constatações”:

“Nos ensaios relativamente ao Programa de Recuperação de Excedentes *houve patriótico interesse de encontrar solução para o problema de ensino de excedentes, dentro do poder de criatividade que o espírito da legislação brasileira suscita*, cuja praticabilidade, ao que percebemos, encontrou como principais óbices, as limitações constitucionais e a falta de recursos”. (O grifo é nosso.)

Essas “Constatações” reiteram, logo no primeiro item, o valor, o mérito e o apoio que o MOBRAL deve continuar merecendo das autoridades e de todo o povo brasileiro, até o final da década.

Em suas próprias palavras:

“O MOBRAL, instituído em 1967, e tendo iniciado o seu trabalho de campo, efetivamente, em 1970, tem tido, nesses cinco anos, excelente desempenho na sua atividade prioritária, que é a de alfabetização funcional, devendo continuar a merecer apoio das administrações públicas, do empresariado, das municipalidades e das comunidades para que, em 1980, tenha concluído a sua tarefa de reduzir a índices mínimos o analfabetismo do País”.

O Relatório do Senador José Lindoso — uma ampla, lúcida e minuciosa análise dos diversos programas do MOBRAL — apreendeu, na sua plenitude, a essência do significado do MOBRAL para o Brasil.

Cerca de 13 páginas do Relatório dedicam-se às estatísticas coligidas pelo Ministro João Carlos Vital, homem que revelou, ao longo de toda a sua vida, uma verdadeira “*obsessão de brasilidade*”, que se enriquece em cada novo cargo que ocupa, e que não esmorece, mesmo quando se defronta com céticos de qualquer tipo, e que não possuem, como ele, uma trajetória de relevantes serviços prestados ao País. Um verdadeiro PhD — Doutor em Brasil. E, como tal, entusiasta do MOBRAL.

No relatório, o Senador José Lindoso ainda escreve:

“O Brasil tem 3.953 Municípios.

O Ministro João Carlos Vital, com uma tradição de estudos de problemas nacionais e de organizador e administrador, no recente I Simpósio de Serviço Militar, ofereceu ao

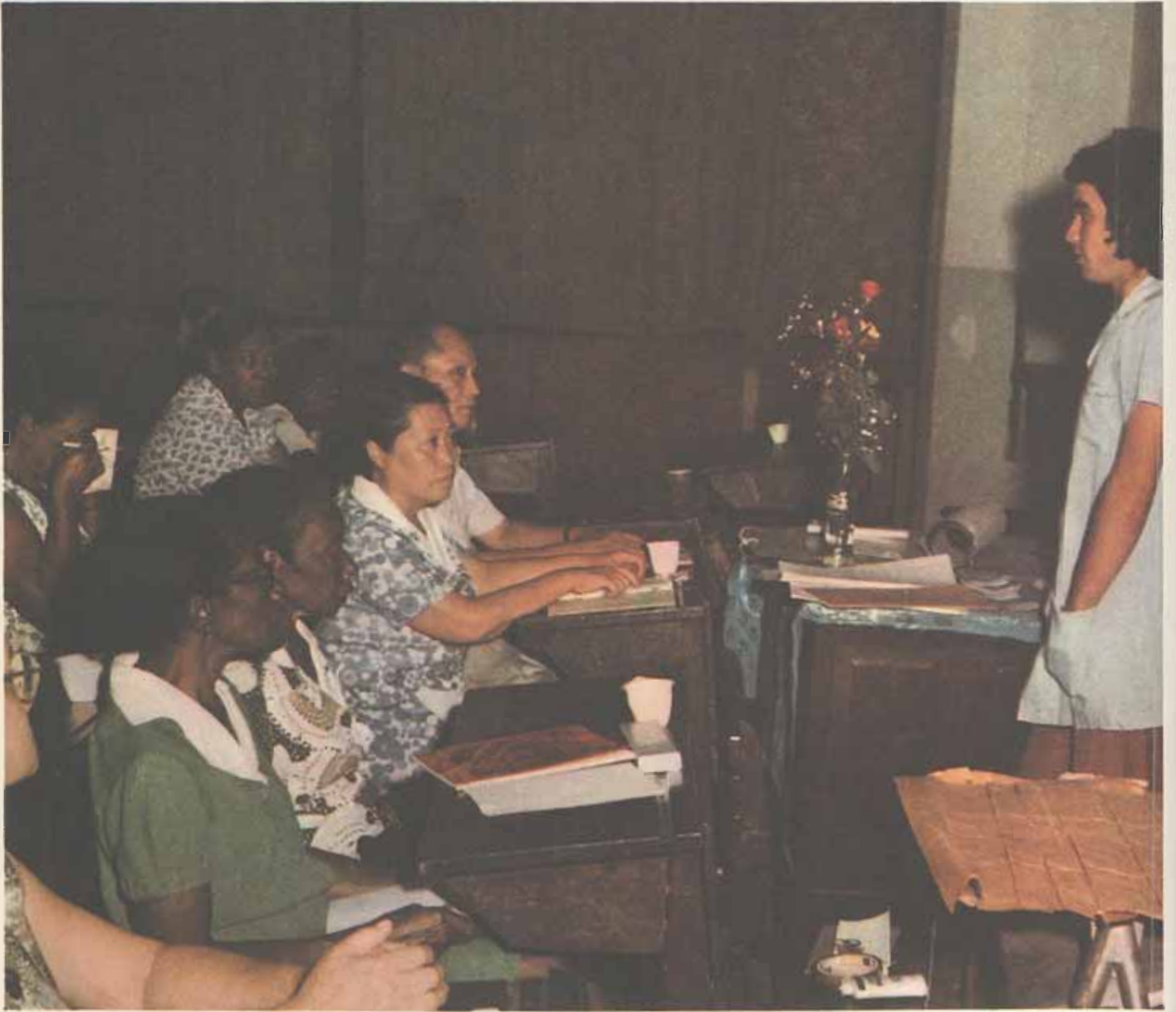
Grupo elementos estatísticos que projetam as magnitudes dos Municípios brasileiros, revelando o grande vazio do imenso território do País, ocupado, apenas, com a parcela de 2,02% de nossa superfície, onde se acham as grandes cidades.

Nesse Relatório, onde nos preocupamos com a realidade brasileira, para fazer o julgamento da instituição que é objeto da nossa investigação, sou tentado a apresentar o quadro da posição dos Municípios, considerando população, superfície, receita total e ocupações”.

O exame do quadro municipal levou João Carlos Vital a classificar os Municípios em B-1, B-2, B-3 e B-4:

B-1. Municípios acima de 500.000 habitantes em número de 11, ou seja, 0,03 do total dos Municípios, 0,2 de superfície, 19% da população, sendo 33% urbana e 0,5 rural, 56,5% da receita, 48% da ocupação na indústria, 56% no serviço;

B-2. Municípios de 100.001 a 500.000 habitantes, em número de 80, ou seja, pouco mais de 2% do total dos Municípios, 2% da superfície, 15% da população total, sendo 23% urbana e 5% rural, 15% da receita, 23,5% da ocupação na indústria e 26% no serviço.



56

*Já existe um tipo especial de sociologia
com a marca MOBREAL. Povo participando.*



*A ação comunitária é uma constante no movimento. Com o fator **HOMEM**.*

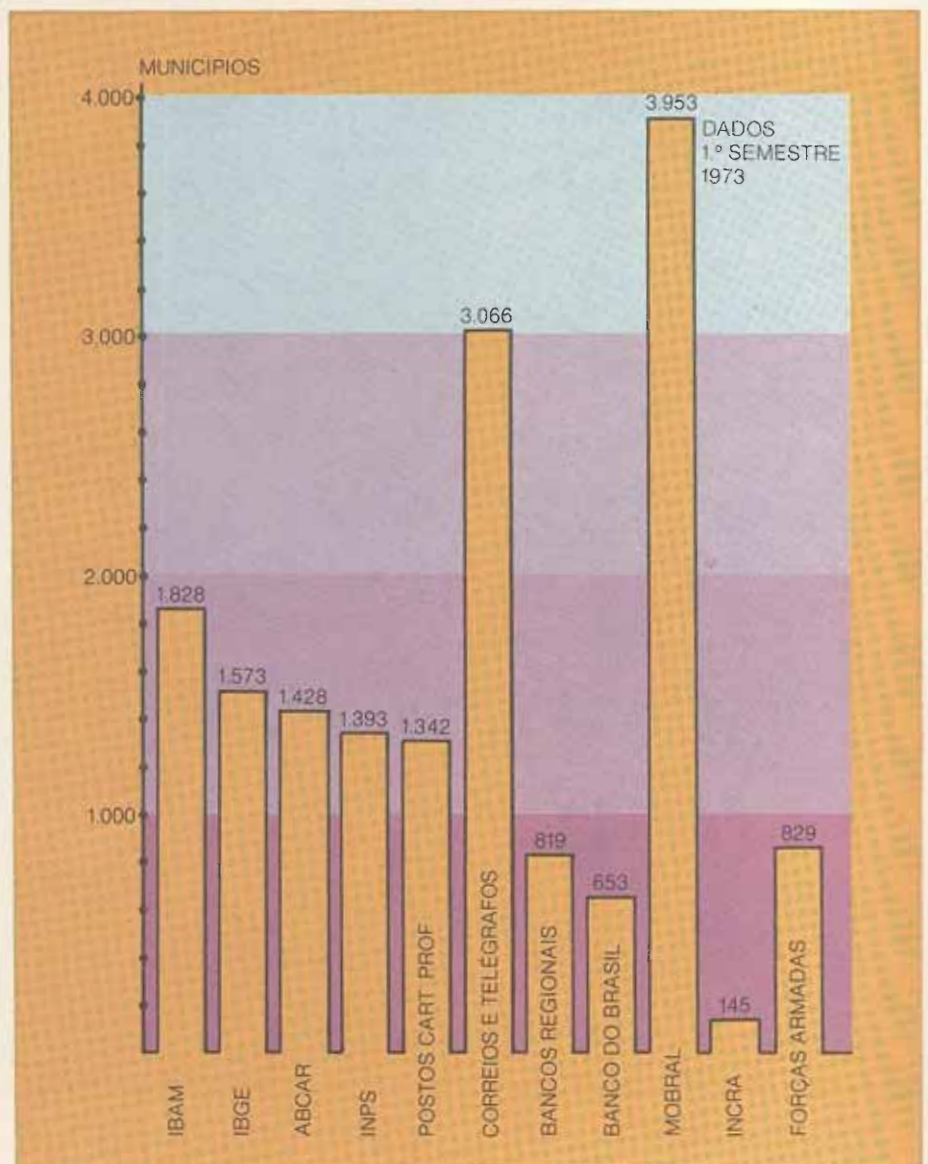
B-3 Compreendendo Municípios de 30.001 a 50.000 habitantes em número de 358 e os de 50.001 a 100.000 habitantes, em número de 157. Representam 13% dos Municípios, 18,5% da superfície, 26% da população total, sendo urbana 21% e rural 31%; receita 12%; ocupação na indústria 15% e serviço 11%.

B-4. Compreendendo os Municípios de até 5.000 habitantes em número de 672, ou 17%, e os de 5.001 a 10.000, em número de 1.007 Municípios, ou 27,25%, e os de 10.001 a 30.000 Municípios, ou seja, 1.598, representando essa classe 84% do total dos Municípios brasileiros, 79,3% da superfície, 40% da população total, sendo 64% rural e 23% urbana, 16,5% da receita, 13,5% da ocupação na indústria e 7% no serviço.

Nesses cinco anos — os dados são de 1969/70 — verificaram-se, seguramente, modificações no quadro, mas ele continua válido para se ter a imagem do Brasil.

O MOBRAL conseguiu implantar-se nesse mundo cheio de dificuldades, e nenhuma outra agência de serviço, mesmo os Correios e Telégrafos, tem essa penetração.”

PENETRAÇÃO TERRITORIAL



É “neste mundo cheio de dificuldades” que é mais valiosa a ação de 30.000 voluntários cadastrados nas Comissões Municipais do MOBREAL, que apoiaram a ação dos 105.000 alfabetizadores que, em 1975, trabalharam para o MOBREAL.

É preciso não esquecer que 2/3 (66%) das salas do MOBREAL funcionam na área rural. As classes do MOBREAL operam normalmente à noite (2/3), e as condições dessas salas demonstram em que situações inóspitas funcionam os cursos de alfabetização. Apenas 27% das salas possuem luz elétrica, enquanto 40% operam com lampião e outras 33% em piores condições: lamparinas, etc. Água encanada, somente 35% das salas possuem; 55% utilizam poços e os 10% restantes não têm qualquer sistema de água próprio. Essa situação deficiente também está presente nas condições sanitárias: 27% com banheiro; 28% com fossa e 45% não têm sanitários.

Como salientam, com lucidez, esses dois eminentes brasileiros — João Carlos Vital e José Lindoso —, trata-se de um outro Brasil — esse que o MOBREAL faz agora vibrar e participar da vida nacional.

Em termos sociais, os programas adicionais do MOBREAL deverão, até o final da década, tentar suprir as necessidades desta parte do Brasil em semi-abandono.

Em termos econômicos, o MOBREAL é um dos maiores ativadores do mercado interno.

Primeiro porque, agindo socialmente para que essas populações se integrem na vida nacional, estão despertando um desejo de participação em todas as outras atividades do País. Alargando os seus horizontes, estarão aumentando as suas expectativas de consumo e, portanto, da aquisição de bens produzidos no Brasil. Essas expectativas estariam frustradas se a alfabetização nada acrescentasse ao aumento da renda dos indivíduos. Não é, no entanto, o que dizem as pesquisas econômicas. Essas mostram que o investimento na educação é dos mais rentáveis da economia, e, provavelmente, o de maior rentabilidade a curto prazo.

Não vamos, porém, teorizar sobre as inúmeras pesquisas já realizadas sobre o tema.

Vamos citar, apenas, o que já foi realizado pelo IPEA — Instituto de Planejamento Econômico e Social — da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, sobre “Tecnologia e Rentabilidade na Agricultura Brasileira”, de Claudio Contador.

São suas as palavras:

“O analfabetismo, de um modo geral, está associado a um efeito negativo na taxa de retorno, enquanto a alfabetização está associada a efeitos positivos.”

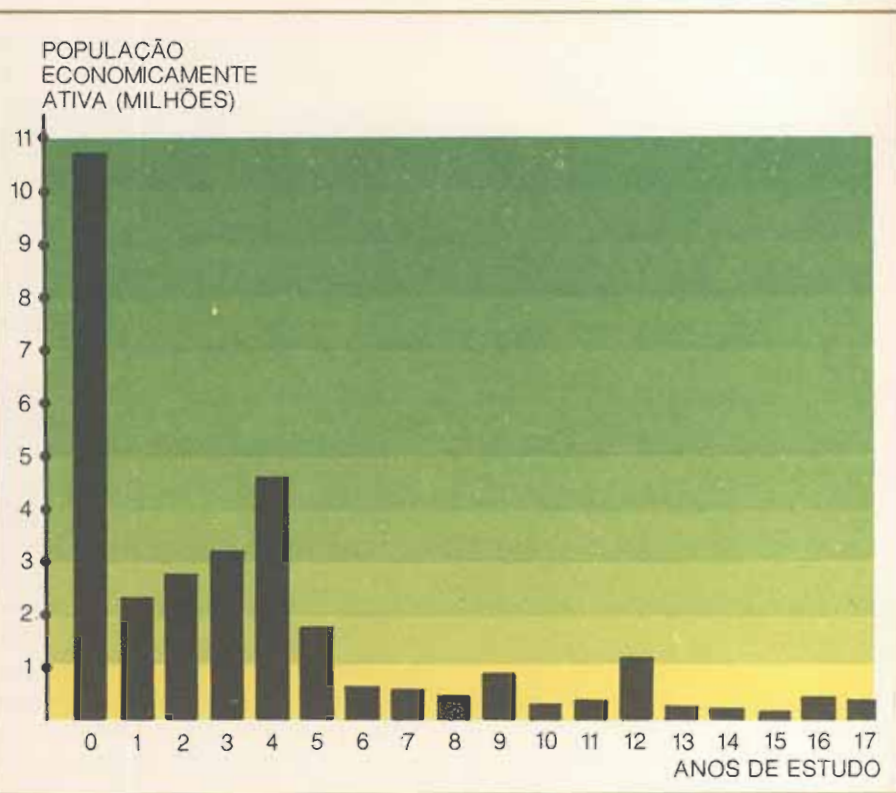
“Os estabelecimentos gerenciados por analfabetos estão associados, predominantemente, a uma técnica tradicional, enquanto aqueles dirigi-

dos por alfabetizados já apresentam técnicas bem mais modernas. O hiato tecnológico entre estabelecimentos presumidamente idênticos, gerenciados por analfabetos e por alfabetizados, é substancial. A diferença tecnológica entre uns e outros é considerável, a favor dos estabelecimentos dirigidos por alfabetizados.”

“A evidência sugere que o analfabetismo limita a adoção de insumos modernos, mas uma educação primária completa pouco acrescenta à capacidade de alocar, eficientemente, os insumos modernos em relação aos produtores apenas alfabetizados. A pesquisa indicou que a educação do responsável tem um efeito importante, tanto nas diferenças de retorno, como na tecnologia observada e no avanço tecnológico. Entretanto, os efeitos da educação não são uniformes em todos os níveis. A educação formal superior e o primário completo não demonstraram afetar, significativamente, a diferença de taxas de retorno entre os estabelecimentos, nem o nível e nem a taxa do avanço tecnológico.

Uma vez que a educação secundária é superior tem uma contribuição marginal praticamente nula para as diferenças de retorno, tecnologia e avanço tecnológico, a medida política mais eficiente, sob o ponto de vista exclusivo da alocação de fatores e aceleração da modernização rural, seria realocar os investimentos feitos em educação formal, secundária e superior num programa *intensivo de alfabetização* e de cursos técnicos rurais. Em princípio, o MOBREAL procura atender ao primeiro tipo de educação, mas pouco tem sido feito no tocante a cursos rápidos de novas técnicas e informações sobre novos insumos, etc. O sistema de extensão rural procura estender, de maneira informal, o conhecimento sobre novas técnicas, informações sobre mercados, etc., mas, apesar de sua penetração junto aos meios rurais, a verdade é que é ainda restrito o que ensina."

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
ECONOMICAMENTE ATIVA – POR ANOS DE ESTUDO
(n.ºs absolutos não-cumulativos) BRASIL – 1970



População economicamente ativa e analfabetos
por setor de atividades

	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO	TOTAL
Analfabetos	7.697.147	1.105.977	1.834.597	10.637.721
Total	13.090.357	5.295.434	11.171.589	29.557.380
% de analfabetos s/total	58,8	20,9	16,4	36,0

60

A pesquisa é fortemente apoiada em inúmeros métodos sofisticados de análise econômica. Mas fica claro que a alfabetização é absolutamente imprescindível para melhor produtividade e modernização da agricultura brasileira. É realçado o papel do MOBRAL e exigida uma continuidade — um MOBRAL PROFISIONAL.

E, ao analisarmos os índices de analfabetismo no Brasil, pelos diversos setores da Economia (Quadro ao lado), percebemos a urgência da tarefa de alfabetização no meio rural.

O Setor primário da economia (agricultura e pecuária), em 1970, apresentava quase 60% de analfabetos (58,8%), da sua população economicamente ativa.

Se lembrarmos que 2/3 das salas do MOBRAL estão localizadas na área rural e que só o MOBRAL atinge todos os Municípios, nada mais será necessário acrescentar, senão lembrar que o grande e sólido caminho do alargamento do Mercado Interno, e da melhor distribuição da renda, é o do aumento da produtividade de todos os brasileiros.

Quanto à modernização do setor rural, sua importância ultrapassa o mero fortalecimento do Mercado Interno, pois o aumento da produtividade e da produção total talvez seja o meio mais eficiente de se atacar o crônico problema da inflação do indispensável crescimento das exportações brasileiras.

Tudo isso representa, em termos econômicos, a melhor distribuição da Renda Nacional, que é a tônica do Governo Geisel.

Se pensarmos em termos individuais, estamos aumentando a renda pessoal daqueles que, no Brasil, se encontravam em pior situação.

Em termos regionais, vemos que a concentração de analfabetos nas áreas-problemas — Norte e Nordeste — representava, em 1970, metade dos analfabetos nacionais. O MOBRAL também contribui, decisivamente, para a distribuição de renda em termos especiais, pois para essas regiões dirige-se mais da metade de seus recursos.

Por último, o MOBRAL, beneficiário da Loteria Esportiva Federal, devolve aos Municípios o dinheiro canalizado pelas apostas, bombeando-o de volta, de preferência aos Municípios mais pobres.

Em termos políticos, o MOBRAL encerra a controvérsia do voto do analfabeto — erradicando o analfabetismo —, promovendo-o *também* a eleitor, e assim aumentando a legitimidade da representação política do Brasil.

Trabalhando diretamente nos Municípios — célula do Poder organizado —, está sendo fortalecido nas bases o processo político nacional, inclusive pela mobilização das lideranças locais.

Por tudo o que foi dito neste documento, pelo que já se realizou e pelo muito que se pode e deve realizar até o final da década, o MOBRAL deveria ser *fortalecido*. E o foi, pelo recente Decreto-Lei n.º 1.444, de janeiro de 1976, que ampliou as deduções do Imposto de Renda das empresas em favor do MOBRAL de 1% para 2%.

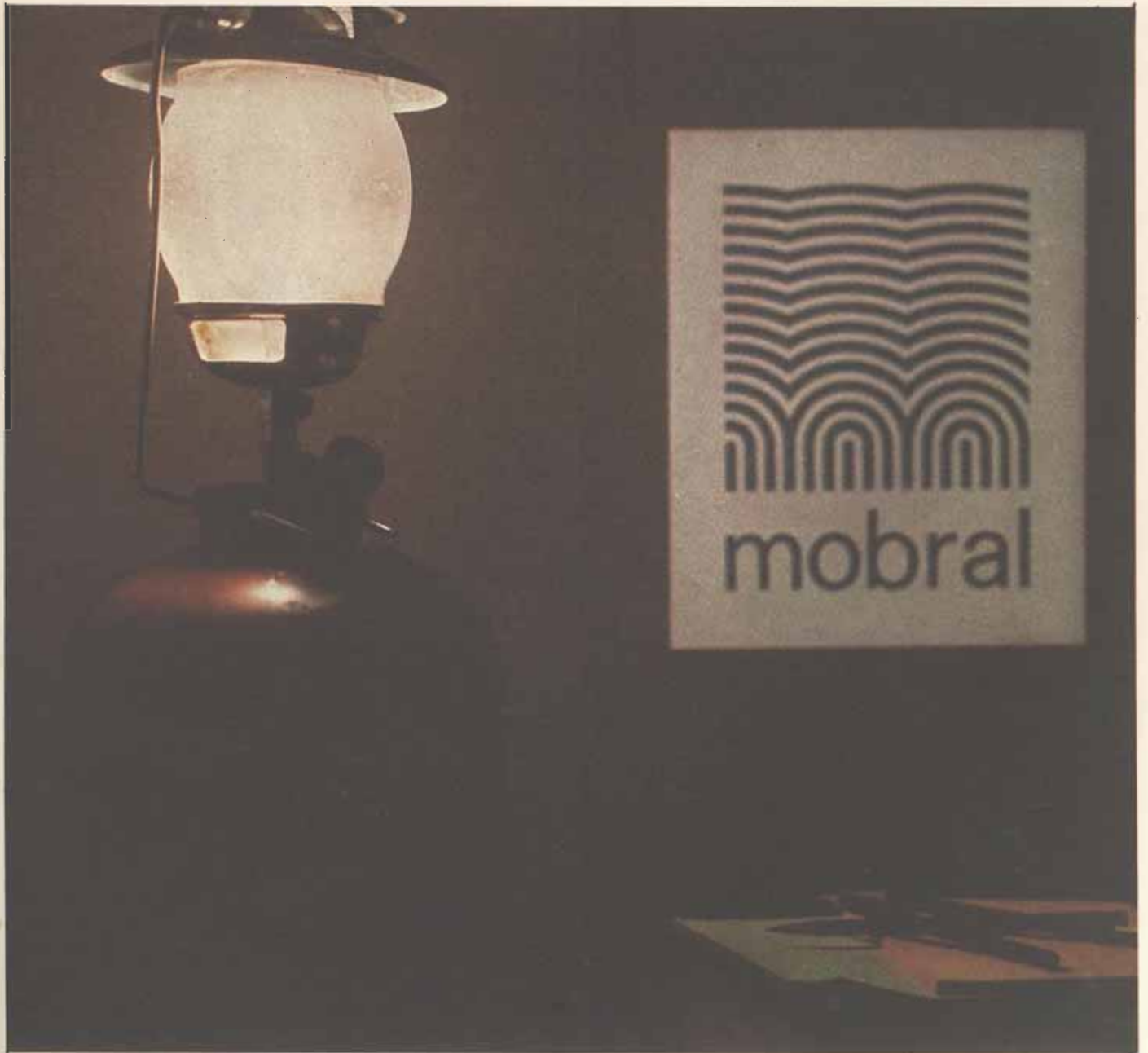
Esse acréscimo recompõe a receita do MOBRAL, abalada em razão do seu menor percentual da Loteria, e permitirá o florescimento dos novos programas.

E o Governo do Presidente Geisel terá assegurado, através da gestão de seu Ministro da Educação, Ney Braga, a derrota final do analfabetismo no Brasil.



62

*Do átomo para a galáxia.
Da chama para o sol.
Do MOBRAL para o Brasil.
Do Brasil para o mundo. Se a
ignorância, expressa no analfabetismo
(Buda), é o maior de todos os males,
o MOBRAL está exterminando a praga
e exportando exemplo.
O diploma na mão da mocinha é
mais que foto.
É verdade de símbolo.*





64

Produção/arte/edição:
GUAVIRA — Editores Ltda.
Av. Almirante Barroso, 90 — 3.º andar
Telefones: 224-5586 e 221-4659 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil.
Registrado no INPI sob o número 6.086/76 — classe 11